

Romance para

Tagmar II

Traição e Magia



Romance para

Magmar II

Traição e Magia



Créditos & Licenciamento

Autor

Antonio Joalison Araujo Moraes

Ilustração da Capa

Sergio Artigas

Design & Layout

Geliard Roberto Barbosa

Coordenação

Marcelo Rodrigues

Publicação

Publicado pelo Projeto Tagmar 2 em 4/2/2008 e disponível para download gratuito em www.tagmar2.com.br

Versão

2.1.0

Licenciamento

Este material foi adaptado do livro "Tagmar – RPG de Aventura Medieval" © 1991 de autoria de Marcelo Rodrigues, Ygor Moraes Esteves da Silva, Julio Augusto Cezar Junior e Leonardo Nahoum Pache de Faria; e está licenciada de acordo as seguintes condições: Atribuição-Uso Não-Comercial-Compatilhamento pela mesma licença 2.5 Brasil

Você pode:

- Copiar (por qualquer meio, incluindo fotocópias), imprimir, distribuir, exhibir e executar a obra.
- Criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:



Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.



Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.



Compatilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

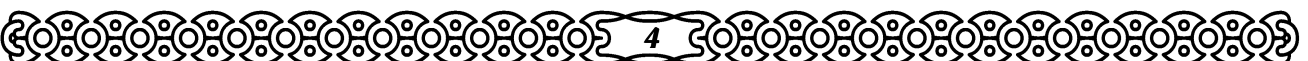
Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Este licenciamento segue um padrão obra aberta e está registrado pela seguinte licença da Creative Commons: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/> com validade legal no Brasil e por muitos outros países.



Índice

PRÓLOGO	5
CAPÍTULO 1	7
CAPÍTULO 2	12
CAPÍTULO 3	16
CAPÍTULO 4	20
CAPÍTULO 5	25
CAPÍTULO 6	31
CAPÍTULO 7	36
CAPÍTULO 8	42
CAPÍTULO 9	46
CAPÍTULO 10	53
CAPÍTULO 11	59
CAPÍTULO 12	63
EPÍLOGO	67



Prólogo

Léon, primeira semana da primavera, 1500 D.C.

O ânimo de meu amado rei não é bom. Os últimos anos, que eram de grande prosperidade, tornaram-se sonhos e lendas contadas para os mais jovens, e doces recordações na mente dos que ainda estão vivos, esperando o fim de nosso reino.

Neste sepulcro em que estou, onde o tempo parece não passar e o silêncio é minha companhia, esforço-me por terminar meu trabalho. Tenho tudo que preciso e conto com a ajuda dos elfos, cuja memória é uma dádiva dos deuses. Já conversei com vários e muitos ainda tenho que conhecer, para assimilar seu conhecimento.

Antes de continuar, porém, deixe apresentar-me.

Meu nome é Iaquim Cibac. Sou um homem cuja habilidade é catalogar os anos, as eras, o passado. Já sou velho, com 66 verões bem vividos e muitos à frente que não quero ver se o fim a que todos pensamos chegar. Todos nós, desde a pequena nobreza até o grande povo, desejamos que essa seja mais uma página virada no destino traçado pelos deuses. Esperamos que o rei Azuma Olives I, O Rei da Esperança, retire a morte de nossos filhos da guerra que se aproxima.

O Barão Felas Irlim, curador da biblioteca real no Castelo das Brumas, pediu-me para ser um romancista, um bardo livre em versos. De tal forma aceitei, que meus pergaminhos escritos são contados em romance. Muito do que escrevo é de imaginação, reportando um tempo que não vivi, mas que ousou imaginar como teria se passado. São trechos reunidos de fragmentos mínimos, que somados aos meus pensamentos fazem reviver uma das lendas mais recitadas de nosso reino, cuja passagem tem início, meio e fim, com uma mulher. De forma alguma, a partir desse pergaminho, alguém verá minha participação se não como narrador e observador desse relato, escrito para o meu bondoso rei Azuma.

Não havia outro na biblioteca capaz de reunir o conhecimento que se não eu e o próprio Barão Felas, mas este não poderia, pois estava ocupado demais, mesmo para sua idade, com os preparativos de uma guerra. E a guerra se aproxima cada vez mais, como um enxame de vespas do pântano ela varreria nossas cidades, nosso povo, nossas lendas, e logo seríamos um povo esquecido cujos nomes jamais seriam contados nos pergaminhos da História. Pois a História é contada pelos vitoriosos e não pelos derrotados. Um fim que o Barão Felas tenta, desesperadamente, esmagar com a força da pena. E dou minha modesta contribuição.

Já faz duas semanas que não me comparo a um homem. Minhas refeições são parcas, minha boca anseia por água várias vezes, meus olhos tentam enxergar as miúdas letras de tempos distantes, meus ossos tremem à luz de uma vela e ao fogo morno de brasas incandescentes. Sou um velho cujo destino é salvar a vida de meu reino em pergaminhos, antes que os soldados verrogaris transformem estas terras em um cemitério dantseniano.

Devo, agora, preencher mais um pergaminho com o peso de minhas palavras, contando o porquê dessa história ser levantada centenas de anos depois de acontecida.

Com a morte de um dos filhos de Attos I, rei de Verrogar, uma declaração de guerra, ainda sem motivos esclarecidos, veio ao nosso reino. Não esperávamos por tal acontecimento e ainda estamos nos preparando enquanto o exército verrogari marcha rumo a nossa capital, Léon. Todos os que de alguma forma poderiam ajudar na defesa foram convocados; por isto o Barão Felas não está comigo. Unido a esta falha do destino, outro fato aumenta a necessidade de terminar esse relato para o meu rei: a rainha de Dantsem, uma belíssima meia-elfa chamada Mirna Tarama, não deu um filho a Azuma I, deixando o reino sem herdeiros.

O povo clama as notícias da guerra que são sempre catastróficas; generais e conselheiros de guerra dizem que Dantsem não tem forças para enfrentar a horda verrogari e o reino continua sem herdeiro.

Na batalha que se aproxima, meu rei Azuma conduzirá a precária força dantseniana rumo a horda de inimigos e se, nessa trivial batalha o rei Azuma perecer, continuaremos sem herdeiros.

Mesmo que sejamos vitoriosos, o que contraria as possibilidades, o reino de Dantsem não teria um descendente direto após morte do rei Azuma e da rainha Mirna.

Assim, tenho que terminar minha narrativa, pois o exército verrogari marcha incansavelmente rumo a Léon, diminuindo o tempo para que as defesas de Dantsem se fortaleçam e eu faça a vontade de meu rei de entregar esse romance.

“Que o bom Selimom aplaque o desânimo de meu coração”.

Capítulo 1

O balançar da carroça não era novidade. Já estava acostumado e decidira, há muito tempo, que era melhor um leve enjôo encima de longas tábuas cruzadas do que a poeira e os calos de uma árdua caminhada pelas estradas. Sabia que a condição do Templo não era muito boa naquele momento em que uma guerra passada assolara o reino. Por essa razão, não reclamara de estar ao lado de um saco de feno e ferramentas de campo. O condutor, um homem já de avançada idade chamado Ernest, mostrava sinais de grande cansaço, o que preocupava o jovem Elril.

Ainda era início de um dia que prometia ser lindo e o velho condutor já estava exausto.

— Pobre homem! — Suspirou Elril ao vento que soprava, tendo esperanças que Selimom, o Deus do amor, tornasse os últimos dias de vida daquele ancião felizes.

O velho chicoteou o cavalo que puxava a carroça e o animal trotou com mais força levando a condução à frente. Era um animal formidável, com um pêlo marrom-terra e uma listra negra repassando pela espinha dorsal. De fato, o animal era bem cuidado pelos ajudantes do Templo. Talvez fosse este o motivo pelo qual o velho condutor açoitasse o animal com chicotadas que arrancariam a pele de um homem.

A carroça seguia por uma estrada esmaltada de paralelepípedos brancos, cujos beneficiários eram, em sua maioria, os ricos comerciantes da rua principal. Encontrava-se ali, em meio a construções seculares, uma loja simples de produtos caseiros. Havia também uma outra, mais rica, mais visitada, que vendia, na voz do vendedor: "As melhores e mais afiadas lâminas desta parte do mundo...". Uma outra loja, de cor plácida, paredes altas e uma porta escura de ferro mágico permitia a entrada de magos, sendo estes facilmente reconhecidos pelas vestimentas.

Os aldeões, preparando-se para o longo dia, olhavam sorrateiros para a carroça que levava um sacerdote de Selimom.

Tal sacerdote era Elril.

O jovem Elril, com seus 20 verões, encontrava-se de forma mais precária de que gostaria. De fato, era bonito, com uma voz suave, uma face afilada e, seu traço mais notável, um queixo bem desenhado. Seu cabelo, constantemente paparicado por uma loção de óleo vegetal para que ficasse mais escuro, apresentava um preto-profundo que realçava a pele clara. Um homem forte, em pleno vigor. Mas esses traços só vieram depois da adolescência, o que o deixava transtornado com as lembranças daquela época. Concentrando-se em como começaria seu trabalho, Elril procurou ficar mais confortável. Não era, entretanto, o local em que estava, já que o sacolejar da carroça era necessário, mas sim a missão que fora cometido a cumprir.

Acontecera que o próprio Mestre do Salão, Servilis, O Enviado, escolhera, dentre todos os sacerdotes a seu serviço, o único cujo nome não fora indicado pelos conselheiros. Seus colegas, assim que souberam do ocorrido, voltaram-se espantados para o pobre Elril, encolhido no canto do Grande Salão e mais assustado do que um Pequenino perseguido por um Gigante. Os protestos foram acolhidos por Servilis, e este, por sua vez, respondeu:

— Não há um filho de Selimom que seja rejeitado ou esquecido. Se escolho Elril para tal empreitada, é por que Selimom me guiou nessa decisão. — Foi o bastante para calar os contraditórios.

O impacto da roda com uma fenda na estrada despertou Elril de seu pensamento. Pôde ainda ouvir o velho Ernest xingar contra sua sorte por aquela fenda "... ainda deixam esses buracos que mais parecem armadilhas". Sabia que a sorte nada era do que a vontade dos Deuses, e estes intervinham em tudo que pudessem ver.

Lembrou-se do tempo que vivera na Escola da Luz, onde se preparou para o sacerdócio. Era uma aula enfadonha sobre a História das Guerras, um assunto longo que parecia consumir até a mínima parte de suas forças. Enquanto a aula passava, o Elril de 13 verões via-se perdido em devaneios, num monte florido, repleto de girassóis compridos e uma relva macia.

— Sonhador Elril, onde você está? — O choque das palavras penetrou fundo, até o âmago de seus tímpanos. Pondo-se de pé rapidamente, Elril ficou imóvel, como em revista por um comandante vertido de puro rancor.

— Agora, que está entre nós, responda à pergunta que Avanil, infelizmente e não me surpreendendo, não soube responder. O que é a Vitória? — O sábio professor, instruído nos mais variados pergaminhos de tantas e tantas eras atrás, esperou a resposta. Elril, sua bile quase expelida, revirou os olhos em busca de que, nos fiapos de lembranças, encontrasse a resposta para a pedra do dia. Não encontrou nenhuma. Esperou alguns segundos para então dizer, em voz baixa, o seu argumento.

— Professor... eu posso analisar os pega... — E por aí mesmo ficou. A voz, rubra, do homem sábio de setenta e tantos anos, ecoou pela vastidão da sala.

— Não, jovem Elril, você não pode revisar seus pergaminhos, porque o que perguntei não se encontra em letras ou símbolos. Está na mente, na mente.

O professor fez uma pausa, como se para acentuar o que fosse dizer. Falou as próximas palavras como um velho doentio, cujo tormento da vida era lidar com jovens saciados de sabedoria.

— A vitória, meu caro Elril, é a sagrada mistura entre os desejos dos Deuses e dos Filhos.

A sala rapidamente saiu de foco e Elril avistou o seu destino. Bateu de leve nos ombros de Ernest e o viu virar-se para fitá-lo. Os olhos, fatigados pela idade, perguntando no sacolejar da carroça o que este queria agora.

— Aqui está bem, Ernest, pode voltar. — falou em tom bondoso, pois sabia que assim que retornasse, Ernest teria trabalho árduo a realizar.

Com uma força não demonstrada antes, Ernest puxou as rédeas e fez o cavalo, já cansado, refugar do trote.

— Claro Elril, você é jovem, pode ir caminhando. Vê se traz umas tortas e manjar para mim, certo?

Elril pulou, agradecido, da carroça. Dando uma piscadela e um sorriso de dentes amarelados, Ernest afastou-se, a fim de terminar seu trabalho. Elril, com o traseiro ardendo, viu-se disposto a percorrer o resto do caminho a pé. Antes, porém, retirou de sua mochila um espelho pequeno, emoldurado em madeira, já que metal seria mais caro. Alinhou o cabelo, sorriu para ver se os dentes estavam sujos e reprimiu as grandes rugas em sua face, conseqüência de uma noite mal dormida. Ainda pôde ver, sob o sol nascente, o brilho esverdeado do único objeto de sua infância perdido no fundo de sua mochila: um anel de Jade.

Seus pés começaram o percurso e logo o destino foi crescendo. Ainda era estranho para ele que Servilis o tivesse escolhido para tal façanha, quando dispunha de memoráveis clérigos, homens de honra e enorme aprovação do povo. Sabia que não poderia ser um fato de guerra, pois Elril não tinha muita experiência em batalhas ou confrontos, exceto talvez uma briga que custou o nariz, mas fora isto, não se recordava de nem uma outra. Também sabia que não poderia ser sobre estudos, pois, existiam pessoas mais instruídas do que ele. Até mesmo o seu professor de História das Guerras se encontrava vivo, quase surdo e com o juízo para lá de perdido, mas ainda assim, vivo. Então, ficava a pergunta martelando a cabeça do pobre Elril: Por que eu? Muitos pagariam com a vida para fazer este trabalho, seria uma honra e com certeza seriam recompensados com grandes elogios e, talvez, nos mais profundos pedidos, uma recompensa em ouro. Não adiantava. A resposta não vinha. Nem uma solução plausível. Teve que assumir a verdade nas vozes de seus amigos: o Mestre do Salão estava louco.

Assim que o gigantesco portão mostrou-se à frente, junto com seu implacável e sólido muro de oito metros, Elril parou. A grade era perfeita, uma mostra de grande valor do senhor que habitava estas terras.

Forjado em puro ferro-escuro, o portão era oval, afilando-se na parte de cima. A base era quadriculada em pequenos pontos, que formavam um desenho: um navio em alto mar defrontando batalha com alguma criatura serpentina. No meio, com três metros de comprimento e tanto de altura, estava, em alto relevo, um afresco de batalha, dessa vez, em terra, sendo um homem montando um versátil garanhão negro, portando uma espada e, pela cena, golpeando uma Quimera, já escarlate ao chão. O cavalo estava nas duas patas traseiras e o cavaleiro segurava firme sua arma mortal. Era uma cena espantosa, um retrato de uma luta tão antiga quanto este reino. Todos sabiam que era o período do Barão Sangrento. Em cada lateral, duas torres de vigia espremiavam o portão.

— Ei, diga seu nome e por que está aqui... — Uma voz grave disse da torre esquerda.

— Ande homem, diga logo! — Vociferou outra da torre direita, sem esperar a defesa do visitante.

Normalmente Elril não precisaria se identificar, pois as vestes o deixariam claro ser um sacerdote de Selimom. No entanto, estava trajado de uma forma diferente. Vestido desse jeito diria a si mesmo que era um lorde fanfarrão: uma camisa golé alta, branca, com uma calça cinza de couro, babados esfarrapados saindo das longas mangas, um belo colar, nem de longe original e um sapato de couro de salamandra, emprestado de seu amigo Avanil. Respirou e deixou que sua voz saísse de forma calma e convincente.

— Sou Elril, sacerdote de Selimom. Vim ter com a princesa Elira. Ela me espera. — As palavras saíram acentuadas e Elril desejou lembrar-se de corrigir depois.

Assim que os guardas arrastaram o pesado conjunto de ferro e madeira, Elril avistou um caminho que se mostrava e, no final dele, um pouco distante, o Castelo das Brumas.

— Perdoe-nos. Não imaginávamos que viria tão cedo... é... Pode passar. — Apressou-se um guarda a dizer, temendo que o jovem mestre do Templo, escondido por entre babados e cetins, fosse comentar algo que prejudicasse seu cargo valioso. Se conhecesse Elril, saberia que ele nada diria futuramente.

Elril pôs-se a caminhar em direção ao Castelo das Brumas, seguindo a estrada que serpenteava de um morro amplo. Um local lindo, verdejante, com carmesins circulando as bordas da estrada, esta sendo de pequenas pedras laranjas, salpicadas

de um azul-turquesa. Logo de início, pôde observar, pela direita, que um campo de girassóis mostrava-se recuado, em meio a tantas flores brancas como se estivessem nas nuvens.

Continuava seu percurso e percebia como era notável a alegria das abelhas, tendo um fundo de rosas-ígneas para se sustentarem, ou botões-de-fada, em um tom branco, separando camélias e bétulas do tapete gramado. Subindo mais, já quase perto da entrada, com as mãos suando e uma coceira na garganta, pôde ver ainda o fundo do lado esquerdo: um frondoso jardim-labirinto, com laranjeiras e macieiras enfeitando cada cantinho. Era lindo de se ver. O melhor que pôde pensar naquele momento era que tudo o que via era real. Prosseguiu o caminho e chegou ao lado de uma fonte. Era intrigante vê-la ali. Nem precisava dizer que era alta, ou que era magnífica. Não tinha peixes derramando água, nem serafins com harpas douradas, não havia sereias ou mulheres, o que havia, o que a tornava realmente diferente, era toda sua estrutura. Um homem forte, robusto, de tamanho irreal ao normal, encontrava-se em cima de um amontoado do que pareciam corpos de homens, formando uma pilha. Ao seu redor, precisamente colocado em cada um dos pontos cardeais, havia assim: pelo sul, na frente, um homem velho curvado entregava-lhe um raio; pelo oeste, na direita, um orco ajoelhado e desnudo, entregava-lhe uma espada; pelo norte, por trás, um gigante postado de joelhos entregava-lhe uma cornucópia transbordando de alimentos, e pelo leste, à esquerda, um centauro entregava-lhe um grande livro. Era, de fato, uma obra grotesca para um lugar de sonhos como este.

Elril ouviu um pigarrear de alguém que limpava a garganta próximo. Ele se voltou rápido para ver quem havia chegado tão silenciosamente para que não o percebesse.

Havia um homem alto, magricela, vestido como se fosse dia de festa. Estava claro que o homem sabia quem ele era, mas Elril não tinha a menor idéia de quem seria o suposto homem que o olhava intrigante.

— É... eu... estava observando a fonte. Bonita ela. — Apressou-se a dizer Elril, agora só vergonha.

— Sou Refal, servo da princesa Elira. Esperava que chegasse por estas horas mesmo, tendo em vista que é um acólito de Selimom. — O homem falava devagar embora Elril sentisse uma pontada de desdém em sua voz. Era calmo, de olhos fixos e de gestos simples.

— Estou pronto para servir minha princesa, mesmo sem saber do que se trata. Poderia me adiantar, meu caro? — Claro que Elril sabia. Ora, quem não sabia? Mas era um meio de ganhar mais informações e a mente de Elril ansiava por saciar suas dúvidas.

Iniciando com uma risadinha baixa, Refal disse:

— Se está aqui é porque julgaram que é competente. Minha princesa não tolera erros, você bem sabe. Acompanhe-me! — Sem protestar, Elril seguiu o homem. Pensou que iria de encontro ao portão de entrada, mas viu que Refal dirigia-se à parte esquerda do Castelo. O ponto bom foi que deu para Elril ver mais de perto o formoso jardim, com suas paredes vegetais estendendo-se por dezenas de metros. Percorreu um bom pedaço até que entrou por uma porta lateral.

A porta lateral estava aberta e eles entraram. O chão era brilhante, longo, espaçoso; cortinas coloridas cujas pontas resplandeciam em um arco-íris infinito; sinuosas tapeçarias encobriam as paredes alinhadas; quadros, jarros, escudos, brasões, enfeitavam os salões. A luz, vinda de janelas soltas bem posicionadas, dava uma tênue imagem de ilusões às salas abertas.

Parando frente a uma porta de madeira, de contornos sucintos e filetes de prata, com um desenho campestre, Refal virou-se e disse:

— Muito bem. Você irá ter com a nossa princesa. Comporte-se. Agora, vamos... Elril estava ainda escutando as últimas palavras quando Refal abriu a porta. Um lampejo de luz fez Elril proteger os olhos. Um leve perfume, doce, fez lembrá-lo dos botões-de-fada. Ele entrou. Sabia que o que viria era mera formalidade, um ato que um cavaleiro um dia a muito tempo lhe disse: "um protocolo para surdos".

— Princesa Elira, Elril de Selimom, sob pedido de Vossa Alteza, encontra-se aqui para ter com a senhora. Refal, com toda reverência, falou como se tivesse ensaiado durante muito tempo. Limpou a garganta e olhou fixo para Elril. Os olhos agudos, envenenadores, fitando-o como um falcão à sua presa. Foi nesse momento, pôde ver Elril, que se metera em uma encrenca da qual não poderia sair. Estava feito.

Postando-se à frente, em uma reverência demasiada grande, Elril tornou a falar.

— Princesa, estou a servir vossos desejos. — Sua voz saiu calma e sem tremulações, mesmo com um nervosismo crescente no estômago.

Enquanto esperava a resposta da princesa Elira, Elril observou o seu redor. Era uma sala ampla, bem iluminada e de um cheiro bom, suave. Jarros contornados de mosaico encontravam-se em cada lateral. Um Tricílico, espécie de cadeira estofada, era cercada por seis lindas mulheres as quais tinha em si poucas roupas. No Tricílico, encostada como tinha de haver, estava ela: Elira, a futura rainha de Dantsem. Amada senhora, de beleza pura. Sua face era estreita, suas bochechas um tom rosado, motivo de enfeites. Tinha o cabelo solto, longo e preto. Sua roupa era fina, porém riquíssima, mais condizente a uma rainha. Adornada de raras jóias e pérolas, a princesa Elira era a própria jóia naquele lugar.

Elril voltou sua atenção para a princesa que começara a falar.

— Seja bem-vindo ao Castelo, Elril de Selimom.

Como era ardente o palavrear da princesa.

Capítulo 2

Não distante dali, uma outra situação, bem diferente da de Elril, passaria despercebida pela historia, não fosse o fato do destino intervir.

A sala era quadrada, apertada e baixa. Rachaduras nas paredes, estas de pedra polida, deixavam escorrer uma umidade crescente. O chão, de terra batida e coberto de feno, não permitia um bom descanso. Era uma atmosfera áspera e de frio concentrado. Nem de longe o cheiro era melhor. No canto direito, entre coberto por feno sujo, encontrava-se um buraco, feito a mão, para ser o final dos dejetos humano; um pinico em forma de buraco. Ora, do que reclamar? De certa forma era melhor, um paraíso fechado e estático, limpo a sua moda, seguro em sua estrutura. Nesta sala de segredos sombrios, a escuridão era a aliada. Ela sempre estava ali, nunca saia; recuava se passava o calor de uma tocha ou o brilho de um lampião, mas sempre voltava a ser densa, palpável, até mesmo, nos últimos devaneios, comestível. Mas era algo que lembrava ao velho Figvel sua condição deplorável. Ou o que o aguardava.

O brilho dos olhos, secos e sem vida, esvaia-se na escuridão do aposento. Era um jogo lento, fatídico, enlouquecedor. Perdido nos sonhos, com visões demoníacas e clarezas perfeitas, o velho Figvel Treves praguejava contra sua prisão de sonhos, consolidada em pedra. Bastaria um encanto, um pouco de Karma e alguns minutos para que saísse como bem quisesse e já estaria longe quando descesse falta dele. A mão, tão enverrugada quanto espinhos em um peixe, tateou em vão o chão úmido e deparou-se com o feno. Feno. Só feno. Seus dedos fecharam esmagando-os. Reuniu pouca força e lançou-os ao alto, soprando à sala seu encanto decorado: "de palha escura, de couro duro, que Força venha para derrubar o muro". De nada adiantaria enquanto suas mãos estivessem presas por algemas mágicas.

Balançando a cabeça, Figvel retornou à sua prisão. É estranho quando se pensa nos erros da juventude e mesmo que agora, com o passar dos anos, fosse possível concertá-los, o velho e dolorido Figvel não o faria. Talvez pudesse dizer a verdade...

— Ainda está aí velho? Não quer transforma-se em nevoa e sair voando, hahahaha... Foi a gelidez da voz grave do guarda que o fez recobra-se. Sabia Figvel, que no local em que estava, centenas de guardas encontravam-se postados, armados e com ordens de penetra-lhe o ventre com o frio aço de uma lâmina se tentasse fugir. Também sabia que eles não hesitariam.

Uma luz surgiu quando uma minúscula janela gradeada abriu-se na porta sólida de ferro mágico. A porta, larga e firme, mostrava do lado interno sua sentença: ninguém saia. O que preocupava Figvel em relação à porta, não era o fato de ser de ferro, e sim de possuir tantas runas de proteção quanto o mar tinha de sal. Seus poderes, pelo menos ali, não serviriam para escapar-lhe, fato que o guarda, do outro lado, sempre o lembrava com uma gargalhada.

Um rosto gordo, sem capacete, apareceu e o guarda, um homem grande, robusto, usando uma pesada armadura de placas de metal fez sua voz ecoar pela sala:

— Limpe-se, escove os cabelos e vista seu melhor robe, ha, ha, ha, ha,, você vai ter visita hoje. Tão inesperado quando abra, a janela fechou-se, deixando intrigado o

velho Figvel. Quem seria sua visita e o que desejaria? Entregou-se, mais uma vez, à escuridão.

Tinha mais que 40 verões, mas sua beleza era a de uma jovem de 20. A princesa Elira, ótima nos dilemas da corte, mantinha o gosto pela justiça desde mesmo tornar-se esposa do príncipe Jorge II. Era um ato que atraía tanto pobres quanto condenados a pedir sua ajuda. E era uma ajuda valiosa.

Certa vez, uma de suas criadas, trouxe um pedido. Querel, assim era seu nome, servia a princesa Elira desde que nascera e agradecera por essa sorte, pois desfrutava de grandes privilégios. Acontece que Querel tinha um amante, Vitori, um rapaz loiro de pele clara, olhos azuis e músculos de rocha. E este, por sua vez, tinha seu pai ainda vivo, Bruneus. Um homem do campo, ativo, rebelde ao seu modo, Bruneus era impaciente. Certa vez decidiu ceiar uma boa carne. Ignorando os avisos que recebera, o imprudente Bruneus adentrou na floresta real. Eram as terras de caça do soberano e este mesmo decretara que ninguém, a não ser ele e quem ele desejasse, poderia usufruir seus animais. E o nome de Bruneus não estava na lista. Mas isso não o impediu de cometer tal infração. Avistando um formoso cervo, vigoroso animal de pelagem clara, vagando solitário pelas escarpas de folhagem, disparou sua flecha, acertando-o com ínfima precisão. O animal sentiu o fel escorrer pelo ferimento. Em seguida tombou aos espasmos, enquanto seu assassino, que nem fúria ou remorso transparecia, aproxima-se com um sorriso. No momento que ele amarrou o fardo de carne, Bruneus sentiu o chão tremer quanto viu, na colina, uma tropa de cavalaria. Era a guarda do rei que vasculhava a área. Não houve escapatória, e teve de se render. Bruneus foi levado preso, amarrado e conduzido a pé pela estrada empoeirada de perpétuos seis quilômetros. Mesmo exausto da árdua empreitada pela desobediência, Bruneus foi conduzido até a sede da guarda e lá é julgado e condenado a penosos meses de reclusão. Era demais para Vitori ver seu pai sofrer por um mero cervo, o que afetava a linda Querel. Foi mais um apelo do que um pedido à princesa e esta, em sua benevolência, cedeu e proveu Bruneus de uma nova chance, libertando-o dois dias após ser preso.

Outra deve ser citada quando falamos da boa vontade de Elira. Havia ali na cidade, vários membros da corte. Lordes, duques, barões e tantos mais que faziam seus votos e professavam suas intenções ao rei. No aniversário de 56 verões de Lorde Avriom de Calinior, um homem cujas batalhas o tornara ríspido e insolúvel, um banquete fez reunir os senhores mais ricos da corte. Avareza e arrogância eram sempre vistas em Lorde Calinior. Na noite do banquete, na frente de seus pomposos convidados, um menino servo, não mais que 11 verões, quebrou, por mero descuido, uma valiosa bandeja de cristal. No ato, Lorde Calinior mandou que o menino fosse despido e surrado e que não mais comesse a noite durante o resto da sua vida. Perplexos por tal crueldade, os convidados encheram o salão de cochichos. Lorde Calinior sabia que sua decisão seria comentada por dias à frente, mas não sabia que a mão, ou melhor, os lábios da princesa Elira, que ali se encontrava na companhia de seu estimado marido, interviriam de forma drástica na sua decisão, humilhando-o nas palavras do Homem cujos desejos eram ordens. Aos voláteis convidados, a voz do príncipe Jorge II, Deus-Feito-Homem, ecoou nas paredes do salão, e estas foram:

“Neste reino, enquanto vivos eu e minha esposa formos, que seja feita justiça e que os homens e mulheres saibam valorizar os jovens, pois nós não viemos ao mundo adultos e soberbos”. O príncipe deixou transparecer mais emoção do que desejava,

deixando mais atônitos os convidados e um perplexo Lorde Calinior. A princesa Elira, a mão em concha na orelha de seu marido, fez a justiça descer como uma lança naquela noite de árduas surpresas.

O príncipe continuou:

“Que todas as bandejas vítreas ou cristalinas de Lorde Avriom sejam quebradas e que seus servos menores sejam libertos. Que isso sirva de lição para o mau uso de vossa autoridade”. O banquete havia terminado de forma cujas lembranças eram um punhal no coração do orgulhoso Lorde Calinior. Mal sabia o príncipe Jorge II que mais um inimigo fora conquistado e que tal ser influiria muito no futuro.

São tantas as histórias colecionadas por Elira durante seu reinado que pergaminhos iriam feitos livros e meros parágrafos iriam se invertidos em longas historias. É foi assim o verão da princesa Elira, onde nome repercutiu por um feito cuja sentença de tal crime cometido, em suma decisão, é a morte. E talvez seja pouco. Um ato que Lorde Calinior apreciará com uma dose de vinho e vilania.

Voltando ao sinuoso aposento perfumado por botões-de-fada, Elril espera ansioso pelas próximas palavras da mulher cuja índole é de uma sacerdotisa, pois é justa e de grande discernimento.

Refal, postado até agora na lateral da porta, dirigiu-se à princesa Elira e falou em uma voz baixa cujos ouvidos de Elril não detectaram os sons. Seis pares de olhos fitavam o envergonhado convidado, deixando-o afundar-se em especulações sobre sua cortesia. Vertendo ao seu lugar, a parte lateral da porta, Refal deixou que sua princesa, a amável Elira, falasse para seu convidado.

— Não imaginava que Servilis enviaria alguém tão jovem, pensei que se não seria ele fosse um de mais experiência. O doce encanto ao redor da princesa fora quebrado. Sua beleza manteve-se, mas uma atmosfera diferente envolveu os presentes, afetando mais o perplexo Elril do que os já acostumados servos.

— De fato, linda princesa. Nem eu declaro o motivo de Servilis ter me escolhido, mas julgo que foi Selimom e não Servilis quem me escolheu. Podeis dizer, princesa, e farei o que me mandas. Em nova reverência, Elril palavreou como se para encantar as servas que o fitavam na sala e não a própria princesa. Era sufocante ficar ali agora, pois o ar estava insensato por tantos botões-de-fada. Esperou que alguém falasse.

A princesa Elira tornou a falar.

— Quero, mais uma vez, que a justiça seja feita. Levantando-se de seu confortável Tricílico a princesa Elira dirigiu-se à porta. Uma frenética correria de suas servas fez Elril recuar, devagar, até onde se encontrava Refal.

— Acompanhe-me, Elril de Selimom. Quero que vejas algo. Falou a princesa Elira.

Refal fez gesto para que este o seguisse e Elril, novamente, viu os olhos de abutre envolvê-lo como um peixe a uma gorda minhoca.

voltaram ao corredor. Uma procissão de mulheres quase nuas, suas curvas esbanjando desejos, escoltando uma dama, uma mulher cujos atos são sempre de justiça e compaixão pelo povo. Duas servas à frente, a princesa Elira em seguida, quatro outras depois, Refal e Elril de Selimom logo atrás.

O trajeto prosseguiu por metros adentro, contornando quadros de antigos reis, tapeçarias de batalhas sangrentas, escudos com brasões, armaduras decorativas, bustos da família real e tantos outros caprichos que se passaria ciclos do sol antes que

pudessem ser admirados, tudo sem falar das portas e salões decorados. Nada passava sem um toque de beleza

Para Elril, o luxo nunca viera. A arte era abstrata. As músicas eram longos versos poéticos e líricos divinos. A vaidade, porém, era recatada ao seu cabelo, longo, liso e profundo em um tom escuro. Desde criança, Elril soubera que fora deixado no Templo de Selimom. Era um tempo em que Servilis, O Enviado, ainda não habitava por estas partes e o atual rei, Jorge I, era um príncipe casado com uma mulher chamada Emen. Como havia de ser, não existia registros ou informações de como viera parar ali. Sabia apenas, que fora encontrado à noite, enrolado em um lençol de seda vermelha com um único objeto em suas posses: um anel de prata com um cão de Jade, a rara jóia do deserto, cravejado,. O Templo abriu-lhe os braços e o pequeno bebê enrolado em seda vermelha, recebeu o nome na língua élfica: Elril, que significa "alma nobre". Assim acostumado não rejeitou o tal nome, e, quando aprendeu a escrevê-lo, não tardou a gostar tanto quanto do próprio Templo, sua casa. Enquanto crescia, Elril foi instruído nas artes clericais do Templo. Deixou levar-se pela sinfonia do divino, o que repercutiu em sua visão do mundo.

O corredor, esbanjando ricas tapeçarias de um marrom mordaz, serpenteava pelo Castelo das Brumas, Elril de Selimom seguia na procissão da princesa Elira.

Capítulo 3

Subiu devagar a escadaria de pedra. As rochas, já com rachaduras e barrocas nas laterais, esperavam o deslize do homem que a sombra, projetada por uma tocha, na parede apertada. Era uma escada circular, escura e tão sigilosa que poucos sabiam de sua existência. Segurando firme a tocha que crepitava rompendo o silêncio da escuridão, o homem parou rente a barreira de sua subida. Não restava dúvidas de que seu contratante conhecia bem o local o que tornava sua tarefa mais fácil. Inspirando o ar seco cheio de poeira e a fumaça gerada pela queima de pano e óleo, o homem empurrou a porta, que cedeu a sua pressão e abriu-se.

Os olhos, treinados há tempos para tais momentos, esquadriharam o aposento com uma porta, de ferro-morto, minério valioso dos anões próximos ao vulcão Forja, guardara. Não maior que uma cozinha de taberna, o local arrancava suspiros dos primeiros visitantes. Não havia janela, de forma que tochas deveriam ser acesas. De fato, enquanto seus pés esmagavam a poeira no chão, o homem acendeu um archote que se encontrava próximo.

A iluminação aumentou e no mesmo instante sua mão deslizou pela cintura, os dedos atentos ao contato gélido com o punhal cuja lâmina fora untada com um veneno letal, capaz de matar um homem adulto em poucos minutos. Virou-se rápido para o outro lado do aposento com seu braço esticado, longo como uma vara, o arder do fogo da tocha em sua face. Segurou firme o cabo e aguçou os olhos. Não tinha atirado por que temia ser um erro de seus instintos. Mas nunca ocorrera erro antes, sabia ele, e este não seria o primeiro.

— A lâmina não me causaria a morte, mas a substância cuja ponta resguarda, ela sim, me mataria. Uma voz, de tom espectral, ecoou pela sala mal iluminada.

Seus olhos não enxergaram o outro homem que ali se encontrava. Teria ele chegado mais cedo? Teria chegado ao mesmo instante e não o percebera? As perguntas vinham como o brilho de um relâmpago que desaparecia na fugaz tempestade.

— De fato, a lâmina não mataria. Talvez nem o veneno também, dependendo de quanto você pagaria, rápido, pela sua vida. O braço ainda estava estendido, o peso da lâmina desprezível pela rigidez dos músculos treinados. A voz abafada trespassou o aposento, chocando-se com barreiras que escuridão ainda não permitia ver. Decidiu prosseguir antes que o outro começasse.

— Diga, que flor cresce nos campos verdes de Novini? A pergunta pegaria o intruso de surpresa e não haveria mentiras que ouvidos treinados não percebessem. Sabia também, que se fosse quem o esperava, a resposta seria a combinada, tornando despreocupável o rígido braço cuja mão segurava “a morte”. Porém, se o outro vacilasse na verdade, o braço, ágil, desceria veloz como as ondas do mar.

— Cavalinhos-prata e bétulas alaranjadas. A voz, sem tremer, deu força e timbre nas duas últimas palavras. Era a resposta certa. Tendo combinado essa preliminar, ambos sabiam que era perfeita. A pergunta seria feita no singular e o local, um lugar campestre nos arredores da cidade chamada Colina Sonleyon, não apresentava nem uma das flores da resposta dada. Simples e fatal.

A certeza da resposta fez o braço descer. Relaxou a coluna e flexionou o pescoço. Os olhos também ficaram leves.

— Não o percebi aqui. Por quê? A pergunta saiu-lhe baixa e, dando dois passos largos para a esquerda, local onde se encontrava um outro archote, esperou a resposta.

— Cada um tem os seus meios de viver, meu caro. Era uma fuga da resposta verdadeira.

— Esse é um dos motivos, então, pelo qual pretende me contratar? Acendeu o outro archote e logo a luz aumentou, fazendo recuar a escuridão que até então mostrava-se invulnerável. Pôde, agora, começar a enxergar o aposento melhor.

Realmente era estranho, se não sinistro. Tinha o chão de madeira rajada, a poeira cobrindo a maior parte. Estendia-se, nas paredes do lado direito, uma seqüência de candelabros bronzeados, ocupados por novas velas negras de pavio amarelo. Em outra parede, sob uma bruxuleante luz piscante de uma das tochas, o que parecia um quadro, só que este coberto por um tecido grosso, preto. Uma enorme gárgula abria suas asas de pedra em direção a entrada, com seu chifre no nariz, voluptuoso, segurando uma correia de couro cuja função, enojando os emocionistas, era segurar uma ressecada cabeça humana. Ainda não podia ver mais adiante, a escuridão cobrindo-lhe como uma cortina a um palco.

— Sim, Elmer. Este foi um dos motivos pelo qual quero lhe contratar. Diversas notícias vieram ao meu conhecimento e você mostrou-se competente. Esperou um pouco, as palavras ainda soando finas pela sala quase toda iluminada.

— Já chega de luzes. Você pode escutar tão bem nas sombras quanto na luz, mas deixe a escuridão aliar-me neste momento. Falou o homem. Mais uma ordem do que um pedido.

— Claro! Você paga, eu obedeço! Não tinha mais motivos de continuar com uma longa conversa. Enquanto cedo terminasse seu serviço, outro poderia ser feito e mais ouro encheria as algibeiras de sua calça.

— Ótimo, bom que seja assim. Havia algo nas palavras desse homem que Elmer não conseguia entender. Pelos anos de experiência que tinha, sabia, não duvidava, que aquela voz que escutara não era do homem que estava dentro da escuridão.

— Você dará início há uma nova era neste reino. Um novo curso surgirá e outros terão o poder nas mãos. O que me diz, aceita?

Não restava dúvidas das intenções desse homem-de-sombras. Ele queria um trabalho e Elmer poderia fazê-lo.

— Aceito! Apenas... diga quem e onde. Suspirou enfaticamente e esperou a resposta.

— Um membro da família real, que está no Castelo das Brumas. Enquanto falava, sua mente imaginava o futuro que o esperava.

Elmer franziu o cenho. Era uma missão arriscada demais. Mas o ouro compensaria.

— Aceito. Se pagar adiantado! Foi sua resposta.

Obteve sucesso.

— Pensei que tivesse terminado Amanda! Mais um suspiro do que o formidável som de outrora, a voz saiu espalhando-se pelo quarto, de dimensões de um grande salão.

Amanda tornou a pegar uma colher de prata, dirigiu um cilindro de cristal e fluiu o líquido que ali dentro se encontrava. Era de tom verde e consistência fina.

— Não majestade, ainda resta mais. Disse Amanda, com sua voz solene.

Deitado em sua cama de macias penas de ganso, com vários travesseiros enfeitados, o rei Jorge I, atual rei de Dantsem, sentia o peso da idade em seus ossos. Afinal, 71 verões fazem diferença quando se compara o novo ao velho. A mão agarrou-se a coberta pesada e estico-a para o pescoço. Uma profunda tosse, dura e seca, atacou-o enquanto sua cabeça latejava pela ausência de cabelos, tendo um frio intenso percorrendo o couro desprotegido. Apressando-se, Amanda socorreu seu velho senhor, antes que da tosse venha a falta de ar e da falta de ar venha o desmaio e do desmaio viesse a sangria e por último, esperando que não ocorra, o jubiloso fim que aguarda todos nós: a morte.

A colher entrou na boca e logo o gosto de espuma salgada encheu o paladar do rei. O alívio veio quase que imediato assim que o remédio desceu pela garganta.

— A tosse continua... Não sei como parar! Estava claro que ela se importava com a saúde já debilitada do rei Jorge I. Apesar do homem que fora, motivo bastante para que muitos o amaldiçoassem, sempre tratara Amanda com um respeito digno.

Talvez houvesse algo mais nesta história.

E seria assim.

Quando se casou com Emen, tornando-a rainha de Dantsem, Jorge I estava com 26 verões de idade. Nos tempos que se passaram, Emen teve um único filho, que recebera o nome do pai, formando assim uma das primeiras dinastias do reino de Dantsem, a dinastia Jorge. Dentre as servas, lindas e puras mulheres, que serviam Emen, Amanda era a mais espetacular de todo o Castelo. Jorge I perguntava-se por que de tanta beleza em uma serva e não em sua rainha. Era o desejo masculino de Jorge I que falava e não mais o seu bom senso. Ora, pensava ele "Eu sou o rei... mando e desmando".

Assim, Jorge I, rei de Dantsem, levava secretamente a linda Amanda para a cama, deixando a rainha Emen corroendo de dores por causa da gravidez. Não devia julgar Jorge I pela sua falta de consenso, pois a serva, amante do rei, era, em uma palavra, irresistível. Um cabelo longo e preto, cujas pontas unidas miravam para curvas sinuosas de um fino quadril, olhos de azul-celeste, lábios carnudos e macios, face feminina com bochechas rosadas e toda uma pele morena, mas não morena de sol forte, mas morena de constantes regalias. Como era linda a Amanda de muitos verões passados. Emen delirando com sua gravidez.

Quando Emen deu a luz, sofrendo de dores fortes que a faziam torcer o dedo de um homem, um menino veio ao mundo trazendo a "boa nova" cheia de esperança para Jorge I. Mas a boa nova teve um preço. Um preço alto para os dias solitários que Jorge I enfrentaria. Emen, rainha de Dantsem, havia falecido durante o parto, cumprido sua função de rainha, deixando um herdeiro ao reino.

Os dias solitários, Porém, atingiriam Jorge I de tal forma que sua substância íntima, seu ego, sofrera alterações. Amanda ainda estava ali, sedutora, sensual, bela domando fera, mas não era o bastante. Jorge I era um rei e não havia como casar-se com uma serva de sua falecida esposa, cuja vida dera para salvar o único filho. Jorge I preservou sua amante até os dias de hoje.

Mas a presença consoladora, apenas à noite à surdina, não foi suficiente para aplacar a crueldade que surgiu em Jorge I. Com Jorge II crescendo, Jorge I travava disputas

acirradas com outros assuntos. Na maioria eram de ofício militar e revoltas do povo, sempre abatido com rigorosas chacinas ou elevação de impostos. É dessa forma que muitos ainda se lembram do reinado longo de Jorge I, apenas retirando sua amante dos pergaminhos da história.

Voltando ao quarto do rei Jorge I, uma lufada de vento desprende calafrios do moribundo.

Há tempos que a saúde do rei Jorge I estava debilitada, o que preocupava sua amante. Esta, por sua vez, não deixava seu senhor sozinho no amplo quarto.

A tosse cedeu e a agonia parou. Os olhos, envoltos por lágrimas, observaram Amanda sentar-se na cama, alinhando seu corpo e massageando o peito do rei.

— Espero que hoje não venha febre, disse Amanda.

— Deixe essa conversa pra lá. Diga-me, o corpo de Cresuel, está no Templo? Vociferou o rei.

Passando a mão pelo rosto de Jorge I, sabendo que estavam sozinhos havia horas no quarto real, Amanda sofria com seu amor a perda do quase-neto.

— Ainda, meu rei... Jorge está lá. Viu as lagrima rolares pela face enrugada do ancião deitado, moribundo. A morte estava próxima.

Capítulo 4

Uma construção fora do Castelo exaltava o divino. O Templo de Selimom, este especialmente para a família real, encontrava-se cheio durante os últimos dias. Servos e sacerdotes chocavam-se nos corredores trazendo incenso e cantando orações, rogando que o erro do destino fosse consertado e que, o único filho de Jorge II, Cresuel, voltasse ao mundo dos vivos.

O salão era quadrado, perfeitamente métrico com estátuas de grandes heróis ou performances de Selimom. Velas ocupavam qualquer cantinho que estivesse disponível. A luz recuava a escuridão, tornando o aposento um céu salpicado por centenas de pontos brandos que aos poucos se apagavam.

Os joelhos, já doloridos pela posição, tocavam o chão de pedra úmido. O príncipe Jorge II estava ajoelhado havia horas, sem comer, sem beber, sem notar o que se passava. Os olhos já não mais expeliam água, pois sua fonte secara. Os sacerdotes que se encontravam ali, homens cultos e de poder divino, não encontravam um meio de aplacar a dor do príncipe que logo em breve tornar-se-ia rei. O pensamento de Jorge II estava longe enquanto vozes murmuravam orações. A dor cegara seus instintos e não havia mais mundo ao redor, apenas uma dor alucinante, que aumentava quando este olhava o corpo estendido de Cresuel sobre camadas de palhas-de-fogo.

Cresuel, único filho de Jorge II com sua esposa Elira, o homem que herdaria o reino e o nome Jorge III quando seu pai não mais estivesse entre eles, sucumbira tragicamente, vítima de uma batalha desonrada.

A história que Jorge II soube levantou júbilos ao nome de seu filho.

Tilosos, um homem cuja bravura e inteligência concebera a nomeação de comandante havia recebido a honra de servir o príncipe Cresuel em uma batalha, para levantar seu nome, fazer com que bardos promovam lendas e brindes sejam dados em sua homenagem. A história que narrou descreve um Cresuel de grande bravura e honra. Mas o que ouve não foi assim. Tilosos não podia contar a verdade ao seu amado rei, cuja vida estava esvaindo-se. Reunindo os últimos homens que restaram de sua empreitada, obrigou-os a prestar o juramento de soldado, que garantia o voto de silêncio até suas mortes. Não era de sua intenção que o rei Jorge I soubesse da morte trágica e violenta do neto.

Pois a verdade sob a morte de Cresuel, a que não mais de meia dúzia de soldados recaia, sob o voto de silêncio, era esta.

Os orcos, criaturas cujo mal era vencido apenas pela escarnecida face, invadiram um vilarejo e mataram todos que encontraram. Em uma tentativa de salvar a vida de sua filha, uma menina de oito verões, um camponês colocou-a em uma precária canoa e lançou-a no rio próximo ao vilarejo. A pobre menina ainda escutou os gritos de seu pai e viu o céu, acima de sua cabeça, ser riscado por flechas incendiárias, mas tendo a sorte de nem uma atingir sua embarcação. Quando passava próxima a vila de Regai, cerca de 20 quilômetros rio abaixo, a menina foi socorrida por pescadores e relatou o ocorrido. Rapidamente os moradores informaram a guarda e esta pediu

ajuda ao rei Jorge I. Este cedeu e enviou seu neto, Cresuel, para combater esses seres.

Cresuel partiu com 25 bons soldados e os conselhos de um sorridente comandante Tilosos. Havia cerca de meia milha a ser percorrida e estes foram rápidos como o vento do norte. Cavalgaram por um dia e por fim chegaram ao local. O vilarejo de pescadores estava arrasado. A fumaça escurecia o céu de meio-dia e o cheiro de carne queimada assolava as narinas dos soldados. Vasculhando o local, não encontraram nada além de corpos mutilados ou calcinados. Casas destruídas, barcos arruinados e todo um campo manchado com sangue. Inconformado por não encontrar os orcos, Cresuel ordenou que batedores vasculhassem os arredores. Tilosos, vendo tal destruição, ressaltava seus instintos de guerreiro.

— Meu príncipe, se orcos fizeram tal destruição, não podemos enfrentá-los! Algo está errado aqui. Sabia Tilosos que o jovem príncipe queria esta batalha e seus conselhos de nada serviriam, mas a vida de seus soldados e a sua própria estava em risco.

— Bobagem Tilosos. Você só está com vontade de ir para o Castelo desfrutar do vinho. Respondeu o príncipe, terminando com uma grande gargalhada.

Quando finalmente o sol foi encoberto pelas montanhas e a luz do dia esvaiu-se em uma escuridão noturna, os batedores voltaram. Nada encontraram. Nem rastros, nem pistas. Eles desapareceram. O príncipe ordenou que acampassem ali mesmo, não dentro do vilarejo, pois a fumaça adensava uma escuridão sombria. Assim foi feito.

Tilosos não era homem de ignorar seus instintos. Se eles badalavam como sinos de uma catedral, algo estava errado. Desobedecendo a ordem de Cresuel, de que apenas dois homens ficassem de guarda durante a noite e os outros se preparassem para a cavalgada do outro dia, Tilosos ordenou que dez, dos 25 que ali estavam, protegessem a tenda do príncipe. Archotes foram montados a uma pequena distância e os homens entraram em vigília. Um ato que salvaria mais vidas do que ele podia imaginar.

Os gritos encheram a noite silenciosa ao redor do acampamento. Vinham de todas as partes. Todos os cantos. Uma língua de selvagens criaturas. Aquela era uma noite para bardos orcos cantarem e agradecerem ao destino pela chacina. Os homens de Cresuel, soldados cuja lealdade resguardava ao rei Jorge I, viram o início do fim logo que as flechas penetraram a carne desprotegida, pois estavam sem armaduras, apenas com placas de couro reforçado o que não impediam que a ponta metálica das flechas comesse o couro e perfurasse os órgãos internos. Como foi rápido o início. Logo que os gritos acordaram os outros, dezenas de orcos já haviam caído no acampamento. Usavam lanças de guarda, longas armas de haste cujo objetivo era cortar a distância, disparavam flechas, estocavam com espadas, decepavam com machados. Carne e sangue eram derramados pela relva; o fraco brilho das estrelas sob suas cabeças.

Tilosos sabia que algo assim poderia acontecer naquela noite, mas não podia contrariar as vontades do príncipe Cresuel. Mas estava preparado. Postou-se de pé, rápido como um gato selvagem, sua espada na mão, encontrou o inimigo, apenas um vulto na escuridão, dirigindo-se para a tenda de seu imprudente senhor. Suas pernas deixaram marcas profundas enquanto corria, saltava e mergulhava a espada no corpo do orco. Foi o primeiro que viu e o primeiro que matou naquela noite. Virou-se rápido com sua espada ensopada de sangue, gritava ordens para seus homens atônitos em meio à chacina que seguia. "Homens... homens, aqui! Aqui!". Sua voz, grave rufar de disciplina, teria que encorajar os soldados. Ainda pôde ver, logo atrás de si, quando o príncipe Cresuel saiu de sua tenda para a noite de seu fim.

— Proteja-se meu senhor... eles são muitos. Homens, o príncipe, defendam-no. Mal havia terminado de gritar quando viu a haste de uma lança de guarda raspar sua barriga. Avistou os olhos amarelados do orco e, afastando a vara da lança com a espada, atirou-se contra a criatura. O choque pegou o orco despreparado e ambos caíram, Tilosos em cima de sua próxima vítima. Lançou o cabo da espada no queixo do orco e sentiu a dureza daquela raça. Escutou gritos, rosnados, ordens brandas, agonia e caos em meio a escuridão que aplaudia os filhos da noite. A espada desceu mais uma vez e Tilosos já se levantava, deixando mais um orco morto. Imprudência sua ou plano do destino? Pensava ele. Como ratos em direção ao queijo, apenas crueldade em suas mentes, 14 orcos corriam em direção ao príncipe, cuja defesa estava nas mãos dele e de nove guardas. Reuniu toda força que pôde e esvaziou-se emitindo sua ordem, "O príncipe.. defendam-no!" sua voz ressoando através dos corpos já caídos numa batalha perdida.

Correu com uma velocidade inquestionável. Seu cabelo agitando-se na velocidade, seu rosto empapado de suor. Levou sua espada estocando pela esquerda, pela direita, seu braço já cansado do peso do metal. Chegou a tempo de ver o brilho no rosto de Cresuel. "Jovem tolo" pensou Tilosos, que participara de várias escaramuças antes e sabia que pelo número de inimigos que tinham, as chances de saírem vivos era por uma rendição.

— Formar barreira! Alinhar escudos! Todos juntos! Praguejava Tilosos, experiente em tais batalhas.

Cresuel, vendo tal horda de inimigos, em cujo momento sempre aguardou, lançou-se à frente, esperando para contar o número de orcos que mataria.

— Não meu príncipe, permaneça atrás! Atrás de nós! Tilosos cuspiu enquanto falava, árduo pela batalha noturna em número demasiadamente inferior. Formara uma precária barreira de escudos, não com escudos de verdade cujo apenas dois homens estavam usando, e sim uma barreira de escudos humana, com dez guerreiros de força e coragem, prontos a defender seu príncipe. Juntaram-se os corpos ao redor de Cresuel e este ficou inatingível. Era o que pensava Tilosos.

Os orcos chegaram e a espera terminou. Os soldados, Tilosos berrando suas ordens e incentivos, estocavam com espadas, apenas um deles com uma lança. Os olhos de Cresuel registrando tudo, ávido por uma chance de ensangüentar sua espada. Era um jogo de vai e volta, estocando e defendendo. Cinco orcos haviam caído levando consigo preciosos dois guardas, os outros sem grandes ferimentos, apenas leves cortes em sua pele. Foi nesse momento, cujos olhos cristalinos de Cresuel fitavam os orcos, que Tilosos viu a face da morte. Parara de estocar, seus guardas continuando.

Caminhando devagar, em direção à barreira humana, um homem encapuzado, segurando um cajado, tragava a escuridão para perto de si. Suas pernas mal se moviam e seu rosto era coberto pelo pontudo capuz avermelhado, dourado nas extremidades. Os orcos avançavam. Os soldados estocavam. Tilosos sentia a respiração gutural de Cresuel e rezou a Crisagom, Deus da Bravura, que este fosse um aliado seu e não dos orcos. Não era. Viu bem quando um orco trespassou o seu caminho, caindo de joelhos logo em seguida.

O homem encapuzado continuava a caminhar. A voz de Tilosos saiu fraca e os gritos dos soldados e dos orcos quase a abafaram.

— Príncipe, seja o que acontecer, foi bom ter servido ao seu avô, gostaria de ainda servir seu pai. Talvez esse pedido fosse acatado pela vontade de seu Deus.

Tilosos Pensou nas suas últimas palavras, enquanto o homem encapuzado, cujas sombras agora o rodeavam, aproximou-se. Este, por sua vez, falou tão forte que venceu o barulho da batalha.

— Parem! Sua voz não era humana. Era gélida, forte, quase sem vibrações, uma pronúncia espectral de outro mundo. Os orcos que ali estavam, como se esperassem aquela ordem, pararam. A voz audível a todos, estremeceu os soldados que também pararam. Não era um pedido, era um comando.

— Há tempos atrás, seu pai defrontou-me príncipe Cresuel. Jurei-lhe vingança e hoje cumprirei minha jura. Poupe a vida de seus soldados e entregue-se a mim. Sabia que era formalidade e que tal ato não se cumpriria. Os soldados, se leais fossem, morreriam antes de ver seu senhor agonizando diante do fim.

Antes que alguém pudesse intervir ou algo mais pudesse ser dito, um dos soldados com uma coragem superando a prudência, correu em direção ao ser encapuzado. Houve um gesto rápido de mão, e um forte deslocamento de ar e um estampido. Por fim, onde antes estava o soldado correndo, agora havia poeira e cinzas chamuscadas levadas pelo vento que soprava. Um raio havia atingido-o! Todos os presentes agora sabiam com quem estavam lidando. Os orcos aplaudiam o aliado desta noite.

Tilosos sentiu a mão de Cresuel tocar-lhe o ombro e temeu adivinhar as palavras de seu senhor. O jovem príncipe Cresuel falou, trêmulo e covarde:

— Não quero morrer. Tire-me a salvo. As palavras surpreenderam Tilosos que pensara exatamente o contrário do que disse o príncipe, poupando a vida dos homens que arriscariam as deles pela de Cresuel. Porém, o príncipe demonstrava não se importar em tais vidas, a não ser a sua. “Tolo arrogante” pensou Tilosos. Os soldados esperando.

— A vida de meu príncipe nada tem haver com sua vingança ao pai dele. Deixe-nos partir. Falou Tilosos.

— Pouparei suas vidas para que levem o que sobrar do príncipe. Assim que terminou de falar, as mãos erguidas ao alto, o cajado horizontalmente posicionado, o homem encapuzado suspirou seu encanto na noite sem fim.

Não haviam sentido tal dor antes. Cegava os olhos, contorcia os músculos, gelava os ossos, fatigava a respiração. Como uma planta tendo arrancado sua raiz, a dor penetrou-lhes fundo durante horas e horas. Os soldados, Tilosos entre eles, tombaram no chão, enquanto ouviam a ladainha do mago encapuzado. A dor continuava, mas os gritos não saíam. Eram oprimidos. Enquanto enchia os olhos de vertiginosas lágrimas, Tilosos viu o jovem príncipe carregado, paralisado, por dois orcos. Não durou mais que meros minutos. O corpo do príncipe não tinha reação. Não havia gritos ou pedidos, apenas o sofrimento crescente em seus olhos.

Os dois orcos levaram o príncipe Cresuel próximo ao mago encapuzado. Segurando-o de ambos os lados, os orcos pararam, esperando as ordens do homem que esta noite decidira a batalha com magia. As palavras daquele momento encontram-se ainda vivas na mente de Tilosos.

— Príncipe Cresuel de Dantsem, você pagará com a vida pela insolência de seu pai. Foi apenas o início de uma citação mortífera.

— Que as sombras envolvam-nos nesta hora e afastem a luz de seus olhos; que o fogo queime sua carne; que o ácido corra em suas veias; não enxergue, não ouça, não fale; que os demônios venham roubar sua alma e que nem em mil anos você ande por entre vivos. Só restou o silêncio.

E foi assim que Tilosos, comandante de apenas seis guardas, viu seu jovem príncipe perecer nas mãos de um mago, sendo furtado pelos demônios que sempre espreitam na escuridão. Em um sofrimento íntimo, sem expressar sua dor ou coragem, Cresuel, filho de Jorge II, pagou com uma maldição os erros passados de seu pai.

Entre os fatos ocorridos naquela noite, um outro ainda chamou atenção de Tilosos. O mago, cujas sombras ainda serpenteavam-no, cumprira não somente a jura de sua vingança, mas também a palavra de que deixaria os soldados vivos para que levassem o corpo do príncipe Cresuel ao Castelo, onde o sofrimento de seu pai seria maior. E estes o fizeram.

Mas, como o sabem apenas um grupo de seis soldados e um comandante, esta verdade nunca será contada.

Um sacerdote vestido de túnica azul, adentrara no Templo sagrado, seus passos ecoando pela perdida vastidão da solidão de seu senhor.

— Senhor príncipe, estamos preocupados com vossa saúde. Falou o sacerdote.

Tentava, novamente, encorajar Jorge II a provir de uma refeição. Não ouve resposta.

— Por favor,... Pelo menos beba vinho para aquecer-lhe a garganta. Tornou a insistir.

Jorge II levantou-se, um sorriso percorreu os sacerdotes que ali estavam.

— Irei ter com meu pai. Que nem uma vela seja apagada e que ninguém entre sem minha permissão. Era uma voz calma, cheia de remorso pela perda do filho.

Os sacerdotes acolheram tal decisão.

Capítulo 5

Seus pés conduziram-no pelo largo corredor. Tinha o piso coberto de grossas tábuas peroladas, paredes altas e de cor branca e todo um teto reto com fadas circulando uma nuvem dourada cujo sol aparecia por trás. Portas passavam tanto pela direita quanto pela esquerda e várias lanternas furta-fogo iluminavam o ambiente. Precisava percorrer 28 passos antes de chegar a última porta do corredor. Era a porta que o chamava.

Ainda pelo corredor, surpreendeu-se quando uma porta se abriu, não para fora, mas para dentro, o que era normal. Porém, o fato desta abrir-se seria a presença de mais alguém, o que de fato não esperava. Olhando para dentro, sorrateiro como um gato à espera de um rato, viu a silhueta de um jovem, cabelo curto, recém cortado, um robe branco sem enfeites feito de algodão grosso. O jovem olhou para fora do quarto e viu o homem fitá-lo nervosamente, franzindo o cenho para enfatizar a atitude desobediente do jovem.

— Perdoe, Mestre. Não era minha intenção atrasar-me, mas é que esqueci meu tinteiro. O jovem, cuja garganta mostrava seu temor, curvou a cabeça em direção ao homem que parara frente a sua porta.

— Claro. Há males que vêm para o bem, meu jovem. Não precisa mais ir ao treinamento. O homem deixou claro que não era algo para ser desobedecido, e prosseguiu:

— Fique no Templo e esteja pronto para quando eu o chamar. Entendeu? Deu um sorriso quando terminou de falar, esperando a resposta do jovem.

— Claro Mestre Servilis, farei o que me pedes. O jovem ergueu a cabeça e observou o Mestre do Templo parado em sua porta.

— Ótimo, ótimo. Fique pelo corredor, quando precisar eu o chamo. Servilis, O Enviado, afastou-se e continuou seu trajeto até a porta de sua sala.

Ergueu a chave mágica, pronunciou uma palavra de ativação e esta lhe saiu da mão, encaixando-se na abertura da porta magicamente trancada. Entrou na sala e fechou a porta.

Expiou se estava tudo em ordem, e nada faltando. A sala era espaçosa e circular, como o trajeto do sol no mundo em que vivia. Havia ali, uma grande estante, coberta por livros e pergaminhos. Uma escrivaninha luxuosa, com um banco acolchoado e dezenas de papiros e pergaminhos sob sua madeira. Cadeiras brancas esperavam, sozinhas, serem ocupadas. Uma mesa de não mais que dois metros de diâmetro ocupava uma área reservada, com uma cadeira alta servindo como assento logo atrás de si. Era bem iluminado e de odor agradável. Uma sala de um senhor de Selimom, um líder nato para clérigos novos.

Dando alguns passos, o Mestre Servilis dirigiu-se há uma estátua lapidada que ali se encontrava. Era há estatua de um homem forte e cabelos lisos, uma beleza chocante em sua face e poucas roupas cobrindo-lhe as partes. Estava ereta, dura, inflexível, segurava na mão direita uma grande lança e na esquerda um grande escudo cuja performance era o rosto de um leão. Servilis sabia que era uma representação mínima e mal elaborada de seu senhor, o Deus Selimom, mas era uma forte representação.

Olhou fixo nos olhos cinzas de pedra da estátua e bradou uma breve oração a Selimom, cujo início era assim: "Ó Deus amável, que nos aquece a alma; nos dá vida; que sempre ilumina as trevas do passado e clareia o caminho do futuro...". Assim que terminou sua prece, voltou-se para a mesa de centro e sentou na cadeira atrás da mesma. Esquadrinhou o aposento e, vendo que estava só, desdobrou o pedaço de pergaminho que encontrara na porta de seu quarto. Havia quatro palavras cuja junção formava uma frase que esperava receber em breve, mas não nesse amanhecer. "Será feito hoje cedo", sem nada mais conter, sem assinatura, nem correção. Apenas um aviso do que estaria para acontecer.

Pegou a pequena lamparina que estava no canto, arrastou o papel até a ondulante chama e viu-o desaparecer no fogo.

Levantou-se rápido, dirigiu-se à porta. Dessa vez, não precisou da palavra mágica ou de colocar a chave, a porta, por se só, abriu-se. Quando seus olhos baixaram-se no corredor, fixou-se no jovem sacerdote que estava sentado em um banco próximo a porta de seu quarto.

— Prepare a carruagem e os cavalos, vamos sair. Deu a ordem e esperava que o jovem fosse rápido em cumprir tal mandato.

— Aonde vamos senhor? O jovem sacerdote perguntou em voz afável.

Servilis olhou-o bem e percebeu que era necessário dizer.

— Vamos ao Castelo das Brumas. Tenho que falar com o rei. Terminou fechando a porta, antes que o noviço prosseguisse com seu interrogatório. Posicionou-se no corredor cuja direção era a saída.

Instantes depois, confortavelmente, Servilis estava sentado no banco macio de uma luxuosa carruagem. A carruagem era nova. Nova como os primeiros raios de sol do frio amanhecer. Sua madeira era uma escultura viva, com desenhos em alto-relevo por todo o traçado, sendo folheado a ouro nas extremidades. Havia velas em suportes de prata, bancos frente a frente de seda vermelha e botões perolado, duas gavetas recatadas nos bancos suportavam os objetos pessoais. Era, em geral, uma bela carruagem. Dois fortes corcéis levavam-na, sendo guiadas por um, também confortável, condutor.

Servilis sabia que o Templo não pudera pagar por tal obra, mas a notícia que recebera fez com que providenciasse uma condução digna de sua autoridade, que antes era mantida a passos largos ou o lombo de um cavalo. Não mais chegaria sujo ou cansado por uma caminhada longa ou uma cavalgada lastimável. Agora, seria recebido e anunciado com tal honraria quanto um grande nobre, se não como o próprio rei.

Contudo, havia algo a ser feito antes que esses sonhos tornassem realidade. Teria que dar algumas explicações a pessoas curiosas, mas nada que fosse tão preocupante. Outro sacrifício deveria ser feito. Dessa forma, Servilis, Mestre do Templo, ordenou que o pobre e velho Ernest, homem que dedicou toda uma vida pela causa de Selimom, fosse embora no mesmo instante que este chegara ao Templo, cedo naquela mesma manhã.

Ernest, que acabara de deixar o jovem Elril próximo ao Castelo das Brumas, reuniu o pouco que tinha e partiu pela estrada empoeirada da solidão fria.

O corredor terminou e mostrou um lindo jardim. Este era pequeno, recluso espaço entre o Castelo e visivelmente um Templo de Selimom. Não era maior que o da cidade abaixo que Elril vivia, mas certamente era bem mais trabalhado e decorado. O calor do sol fez Elril lembrar-se da dor que a família real estava sentindo pela trágica perda do príncipe Cresuel. Era como se a tapeçaria do destino fosse rasgada por traças demoníacas, cuja intenção era definhar o trono de Dantsem. Já fazia um bom tempo que o rei Jorge I encontrava-se enfermo no seu quarto. Uma vida longa para um rei. Com 71 verões e 45 de posse do trono, Jorge I conduzira seu reino a um crescimento que os reinos vizinhos invejavam. Agora, porém, sua vida terminava com a morte de seu neto, o príncipe Cresuel, que fora morto lutando contra centenas de orcos e uma dúzia de demônios. Os soldados que sobreviveram conseguiram, ainda, trazer seu corpo para o pai, Jorge II e sua mãe, a princesa Elira.

O caminho mostrava mais. Era possível ver boa parte da cidade, cerca da ala direita, onde os comerciantes firmavam suas residências. Avistava-se ainda o curso de um longo rio que ladeava fronteira abaixo. O sol surgindo, codornas revoando, o vento frio matinal, não apagavam a cicatriz na alma da família real de Dantsem. A princesa Elira, entretanto, era forte. Acabara de perder o filho, único que tivera, e, no entanto demonstrava segurança, graça. Talvez já sofrera e derramara as lágrimas da perda. Bem, não cabia a Elril de Selimom julgar sua futura rainha.

A procissão conduziu-se até o Templo. Uma fonte, essa sim, com faunos tocando harpa, dava sombra a dois sacerdotes que ali estavam. Vendo a princesa aproximar-se, levantaram-se.

— Que Maira, dê bênçãos ao nosso rei. Falou um dos sacerdotes.

— Que Selimom traga esperanças para nós. Falou o outro.

A princesa Elira parou, sua comitiva acompanhando-a.

— Sou grata por vossas bênçãos. Falava com o primeiro sacerdote. O outro que pedira a benção de Selimom encostou-se em Elril e falou baixo, como se temendo ser escutado.

— Escute meu caro... se você indicar meu nome a princesa, ela, quem sabe, possa designar que eu o ajude, em o que achas? Sua voz sibilou no ouvido de Elril.

Este apenas disse:

— Claro, direi a ela o que me pediu. Suspirou e viu a reação do homem, que, olhando aos lados, afastou-se contrariado, não querendo que sua pergunta chegasse aos ouvidos da princesa.

Seguiu a procissão, Elril de Selimom logo atrás. Subindo os degraus de pedra-branca, duas enormes portas de madeira encontravam-se abertas. Deveriam estar assim desde três noites passadas, quando o corpo do príncipe Cresuel chegou. Toda a cidade ficou sabendo logo no outro dia e sempre as histórias aumentavam em relação a sua morte. Sacerdotes foram chamados e, logo que perceberam não ter jeito de trazê-lo de volta à vida do estimado príncipe, untou seu corpo com óleos e poções para que esse permaneça sem apodrecer. Uma ou outra benção foi adicionada.

As servas que estavam na frente, pararam rápido e Elril esbarrou em uma, tendo se perdido nos pensamentos. Algo a frente fizera com que parassem, com certeza não fora a princesa Elira. Ao relancear a cabeça, Elril viu o motivo.

O príncipe Jorge II andava pelo corredor em direção a saída, advindo sentido contrário do de Elril. As servas, naturalmente pararam, deixando a princesa Elira à frente encontrar-se com seu esposo. Este pegou a mão de Elira e caminhou em direção aos servos e Elril.

Elril não pôde deixar de sentir o coração saltitar. Sua respiração ofegou e sua mão tremeu de leve.

— Este é Elril, Jorge, que provará a inocência do velho mago. Elira estendeu a mão, apontando para Elril que se encontrava ao lado de Refal. As servas colocaram-se a beirada do corredor sinuoso, cujas paredes haviam desenhos do cosmo e planícies florestais.

— Você tem dois dias para salvar a vida desse... desse feiticeiro. Depois de amanhã, ele não verá mais o sol nascer. Falou o príncipe Jorge II.

Dada essas palavras a Elril, votou-se para Elira e disse:

— Venha comigo, quero falar-lhe sobre Cresuel. A princesa Elira acenou com a cabeça, votou-se a Refal e disse, agora, com voz trêmula:

— Leve-o até Figvel e ceda-lhe o que ele precisar. Por favor, se ele for inocente...

E por aí mesmo parou, pois Jorge II havia urrado uma fúria guardada há dois dias sem dormir, sem comer, quase sem viver.

— Inocente, ele? Ele é um mago, um bruxo cuja diversão é se reunir com outros magos e tirar a vida de pessoas boas como a de meu filho. Parou, os olhos fumegantes e a saliva escorrendo da boca. A voz ainda ecoando pelo Templo cheio de sacerdotes, como um raio em um caldeirão de prata.

— Você tem dois dias, se quiser desistir desse caso agora, dou-lhe mil peças de prata.

Encarou Elira, a defensora da justiça, ambos chorando. Ambos aflitos pela perda do único filho. Ambos loucos para comer o coração do assassino. Ela não estava mais segura, nem demonstrava a grandiosidade que outrora havia enfeitado Elril. Um lágrima escorreu solitária na face de Elira. Ninguém respirava no corredor. Elril quebrou o monótono silêncio.

— Será feita a vontade de Selimom, meu senhor. E este me diz que devo continuar. Com grande reverência, citou as palavras e esperou sua repreensão.

— Então que seja. Prove que esse velho, esse cão de duas almas não teve nada haver com a morte de meu filho e ele será salvo, caso contrário, perderá a cabeça depois de amanhã.

Houve um minuto de silêncio, Elril acenara firmemente com a cabeça. Elira, todos perceberam, derramou mais uma lágrima enquanto olhava para o corredor, que fim guardava seu único filho, o rapaz Cresuel, agora sem mais abrir os olhos.

— Vamos, meu querido, já está na hora de você descansar — falou Elira.

As servas logo se posicionaram. Duas à frente, o príncipe Jorge II e Elira e logo atrás as demais servas. Começou um novo cortejo, uma procissão de lágrimas e nobreza, cujo motivo era a perda de um ente querido. Refal permaneceu parado, quieto, até que o príncipe saiu do Templo.

— Você teve sorte. Pensei que talvez ele mandasse prender-te. Foi o que ele fez com o pobre Figvel. Refal falara baixo, pois o Templo estava cheio de sacerdotes.

— Como assim ele prendeu Figvel? Só porque lhe dirigiu a palavra? perguntou Elril.

Refal franziu o cenho, para questionar tal pergunta.

— Venha, meu caro, conto-lhe no caminho, disse Refal. E saíram os dois do Templo que guardava o príncipe Cresuel.

O sol já caminhara e Elril nem percebera. O pouco de conversa que teve avançou o tempo e ele gostaria que demorasse o dia a passar, pois agora, queria salvar uma vida. A vida de um mago.

Caminharam um pouco e, ao perceber que estavam sozinhos, Refal começou a falar.

— Desde que cheguei ao Castelo, para servir a princesa Elira, Figvel encontrava-se aqui. Ouvi comentários de que ele mudou-se para o Castelo há mais de trinta anos.

Elril realmente não sabia desse fato. Como poderia? Ele era um membro do Templo de Selimom, onde dedicava sua vida as obras da bondade, do caminho da luz. Sabia pouco sobre a vida da família real e muito menos sob os moradores do Castelo. Refal continuou:

— Bem, o caso é que o rei Jorge I, que está debilitado em seus aposentos, solicitou os serviços de Figvel para os tratos da Magia Arcana. Refal sublinhou essas duas últimas palavras com um suspiro forte, fazendo gestos com os dedos e piscando os olhos. Viu a expressão de Elril e decidiu parar com tal encenação.

— Não é de se espantar. Ele tem Deril, que o aconselha nos assuntos divinos... Elril sabia muito bem, pois era um dos grandes sacerdote do reino... Tem o general Milatos no comando dos exércitos, e uma porção de outros homens para funções predeterminadas.

Elril olhou o seu caminho e percebeu que estavam entrando novamente no Castelo, só que de um lado diferente, virou-se para Refal e disse:

— Estamos voltando ao Castelo. O tal Figvel está lá dentro?

Refal olhou e disse:

— Mais dentro do que você possa imaginar.

Elril seguiu Refal por portas e corredores. Percebeu que devia estar descendo, pois os archotes com tochas aumentavam sua luz amarelada. Chegaram, por fim, frente a uma grade de ferro, cujos aros tornavam impossível a travessia, até mesmo de um gato.

— Vamos entrar, agora, no calabouço do castelo, disse Refal enquanto retirava uma pesada chave da cintura e abria um gigantesco cadeado. O barulho que fez demonstrava seu peso. Foi um pouco difícil de movê-lo mais Refal conseguiu. Elril olhou para trás, vendo um corredor e seu passado e assimilando o escuro corredor à frente, cujo futuro era incerto. Sentiu uma onda de estimativa e seu coração, cuja adrenalina havia tempo abandonado, vibrou pulsando em suas veias.

— Venha, não demorem. Refal entrara no corredor e acendera uma tocha próxima, iluminando o corredor de paredes grossas e teto alinhado.

— Na minha opinião, Figvel não teve nada haver com a morte de Cresuel, ele estava em seu quarto o tempo todo no dia do ocorrido. Não podia ter saído e voltado tão rápido. Refal plantava dúvidas na cabeça de Elril já cheia de perguntas sem resposta.

— Então, você está dizendo que o príncipe Jorge acusou esse Figvel de tramar a morte de Cresuel? Se obtivesse essa resposta, Elril já começaria bem, pensou.

— Sim! Ordenou que prendessem-no. Este não reagiu, pelo contrário, ficou tão atônito quando soube da morte do príncipe Cresuel que os guardas nem tiveram problema em colocar as algemas mágicas. Saiu murmurando pelo salão, como se fosse ele próprio o pai de Cresuel. Elril sabia dessas algemas. Eram itens extremamente poderosos cuja função era drenar o karma de um conjurador. Sem

karma, sabia Elril, não se poderia usar magias e era um tormento para quem as usasse.

O corredor era mais sombrio do que Elril imaginava. Largo na base, afilava-se no teto formando uma concavidade rasa. Archotes encontravam-se espalhados pelo corredor, nada decorava o vão, demonstrando o destino sombrio de sua função.

Percorreram a passos ágeis e sem mais nada a dizer. Duas curvas mostraram-se e foram logo passadas. Então, como uma caixa de surpresa, outra grade apareceu, dessa vez com um homem sentado em um banco, cujas armas estavam em cima de uma mesa. Ali, o cheiro úmido misturava-se a excrementos, aos quais, julgou Elril, o guarda já estava acostumado.

O homem logo ficou de pé. Usava uma armadura de placas de metal e parecia uma rolha enlatada. Estava sem capacete e seu rosto era gordo, sem bigodes. Levou a mão ao cabo da espada e fitou-os.

— Venho a mando da princesa Elira, sob a tutela do príncipe Jorge II. Refal falara antes que o guarda começasse um interrogatório.

— E este quem é? Perguntou o guarda, carrancudo.

Elril teria falado, mas Refal tomou a frente.

— Este é Elril de Selimom, o homem que julgará o velho Figvel e verá se ele é inocente! Assim, refletiu Elril, o destino colocara a vida de um mago em suas mãos.

O guarda baixou a mão do cabo da espada e segurou uma chave. Colocou-a na fechadura da porta e girou-a, suas extremidades rangendo com a abertura.

— Tome cuidado, ele é mais louco que marujo em areia movediça. O guarda deixou que ambos entrassem.

Porém, Refal falou.

— Diga do que vais precisar e eu trarei. Não vou entrar. O motivo pelo qual não entrou foi nada menos do que o odor que saía da sela. Uma mistura acre aliada ao ar seco fundia-se com a umidade das paredes.

— Não vou precisar de nada, por enquanto. Apenas água. Disse Elril, sua voz ecoando pelas paredes. O guarda só escutando.

— Certo então, vou mandar descer água. Refal saiu, apressado, pelo corredor acima.

— Quer levar a espada? Eu disse que ele é perigoso. O guarda, falando em tom sério, ofereceu o cabo de sua espada para Elril.

— Não, claro que não. Respondeu Elril e entrou na sela do mago, cuja sentença seria a morte dentro de dois dias.

Capítulo 6

O fato que decorre agora, cujo narrador é não outro senão o “tempo”, é banhado pelo sol e pela atmosfera sepulcral de onde se passa...

“Aqui jaz, Venezia III, cujo feito foi defender seu castelo de um ataque de Ferais”. Era a única inscrição na lápide que o homem podia ver.

O sol despertara há pouco e o frio ainda envolvia o velho corpo do homem. Estava sentado em sua cadeira acolchoada, estranhamente equipada com duas rodas menores que a de uma carroça, servindo de sustentação na frente e duas hastes na parte de trás. Há muito já se encontrava frágil e uma doença, ainda sem explicação para os sacerdotes locais a não ser o peso da idade, retirara a força de suas pernas, deixando ao serviço cotidiano de dois servos toda ação que pudesse executar. Os servos, homens altos, fortes, eram em si, guardas. Portavam espadas curtas, espadas longas, adagas, e tantas outras que pareciam prontos para uma guerra. Havia também xaropes para a doença de seu senhor.

Sua mente não pensava em outra coisa se não vingar-se do imprudente inimigo. Tivera muito tempo para tramar a revanche contra o homem que deveria honrar. Agora era a hora perfeita.

A visão era ótima e podia ver até onde os seus cansados olhos conseguissem divisar. Encontrava-se no topo de um morro, onde o cemitério guardava os restos mortais de seus antepassados. Uma série de túmulos, jazigos de mármore e esculturas valiosas, encontravam-se ali. Mas se podia ver além. O verde preenchia tudo à frente. A primavera começara fazia apenas duas semanas e esta já percorrera os campos derramando suas cores e perfumes pela flora. A relva crescia forte, cercada por milhares de flores diferentes, cujas ínfimas tonalidades enriqueciam-na como um arco-íris no céu. Alguns metros abaixo, um veio de rio levava água bosque à frente, bosque este repleto de boa caça e árvores frondosas cujas folhas verdes e brilhantes exultavam ao dia que nascia. Carnaúbas esbanjavam seu tom roxo, enquanto codornas e pardais cruzavam o céu azul dando cambalhotas e recitando seu doce canto. Como lindas eram suas terras. Uma vastidão de propriedades, tendo dois soberanos para comandá-las. Jogou mais uma noz partida na boca e conjeturou a falta de dentes, esmagando-as com grande dificuldade. Apenas esperava uma visita.

Extasiado com tal visão, o homem na cadeira com rodas, ajeitou a confortável pele de urso-cinza contra o corpo, deixando-o protegido do frio amanhecer. Seus ouvidos chamaram-lhe a atenção quando pés esmagaram a grama fofa da primavera logo atrás de si.

— Um local bonito esse que você escolheu. A voz perdeu-se, baixa, na colina dos mortos.

Virando penosamente a cadeira com rodas, o velho viu o visitante aproximar-se. Estava disfarçado, só podia ser. Usava uma pele de carneiro seca sob o peito, calças de couro, o cabelo solto, e não portava nada, pelo menos que pudesse ser visto. Não tinha mais de 25 verões. Um jovem cujo nome era passado de lábio em lábio através dos becos da cidade ou na boca de um taverneiro. Mas as muitas faces que já usara

eram facilmente encontradas em cartazes de "procura-se", com uma boa recompensa associada.

— É sim, é sim. A voz do velho saiu áspera e fraca, mal podia ser ouvida. Precisava parar para que o ar não lhe faltasse.

— Quero que tire a vida de uma pessoa. Sua mente era turbilhão de pensamentos. Cheia de ódio e vingança.

— para tal me contratam senhor. Diga quem e onde. E será feito. Se pagar adiantado, claro. Elmer já estava com o bolso cheio de ouro, graças ao contrato anterior, feito um dia antes. Esperou pacientemente o nome da vítima.

O velho respirou profundamente e sua mão elevou-se à boca num momento de luta contra a tosse seca. Expelia um fluido grosso, verde e pegajoso de dentro dos pulmões. Elmer esperou o homem recuperar-se.

— Veja bem, - disse após contorcer-se em espasmos provocados pela tosse - pode parecer difícil, mas tenho como encaixá-lo dentro do lugar. Outra série de tosse paralisou-o e houve um momento de espera. Quando o alívio da boca retornou, o velho disse:

— Quero que mate um membro da família real!

O choque das palavras fez Elmer recuar, mostrando seu espanto. O que estava acontecendo? Duas noites atrás, havia a notícia de que o príncipe Cresuel fora morto. Na noite passada, outro homem, de voz demoníaca, pagara-o muito bem para matar um membro da família real. Será que o rei Jorge I tinha tantos inimigos assim? Bom, se fosse o caso, eles sabiam aproveitar bem a oportunidade e contratar as pessoas certas.

— É uma tarefa difícil para você? Perguntou o velho, cujos olhos viram o espanto de Elmer.

— Não, não. Apenas imagino como me fará entrar no Castelo. A mente de Elmer já estava assimilando as oportunidades. Se fosse a mesma pessoa, Elmer ganharia o ouro mais fácil de sua vida, e este homem disse que poderia colocar-lhe facilmente dentro do Castelo. Não haveria muito esforço. Era só encontrar a vítima e aplica-lhe seu poderoso veneno. "Que sorte a minha o príncipe Cresuel ter morrido esse ano", pensava Elmer.

— Não será difícil... . Foi interrompido por uma tosse súbita e expeliu mais uma grande quantidade de catarro. Prosseguiu assim que pôde:

— Há sempre um jeito da raposa pegar o coelho.

Nos pensamentos de Elmer, o Assassino, seu nome receberia a recompensa mais cara já exposta nesse reino. Um mártir que ele estava disposto a fazer.

A princesa Elira acompanhou seu marido até o quarto. As servas, acompanhantes de Elira, recuaram quando a porta foi aberta. Elira e Jorge II entraram.

Havia uma gigantesca cama de casal bem no meio do quarto. Estava arrumada, com travesseiros azuis e lençóis de mesma cor. Linhos caiam do teto acima da cama, deixando uma redoma de vívidas cores envolverem o móvel. Uma lareira guardava a

parte direita, com mini-esculturas e jarros sob sua fachada. Na parte esquerda, uma mesa ocupava o centro da parede, com um grande espelho refletindo o casal de príncipes. Havia mais moveis; um baú de roupas, cômodas, jarros, quadros e um candelabro dourado no teto. O chão era forrado por azulejos azuis e brancos, repletos de figuras que formavam um mar, com navios e serpentes ocupando seu azul-turquesa. Uma varanda mostrava-se aberta, esperando ser desfrutada com uma visão das montanhas.

Jorge II apoiou as mãos na alça superior de uma cadeira próxima, baixou a cabeça e falou, pensosamente.

— Falei com Deril, ele disse que não podia reverter a maldição de Cresuel. Suspirou arfante e deixou, novamente, as lágrimas escorrerem pela face.

Elira adiara essa conversa por muito tempo. Pensava que a sombra do passado só voltaria quando estivesse à beira da morte e não tão jovem. Não era um bom momento, sabia ela.

— Meu coração está frio sem o calor de Cresuel para aquecê-lo. Olho para o além... e vejo sua face, sem poder toca-lhe. Elira fitou o espelho abobado de cristal, seus contornos resplandecentes com os raios de luz. Jorge II estava arruinado. Em breve, com a morte de seu pai, ele seria aclamado rei de Dantsem. Elira seria rainha e mesmo com todo amor que pudessem ter, não poderiam prosseguir, pois o reino não teria herdeiro direto, sangue real comandando o destino do povo.

— Se ao menos tivesse me dado outro filho depois de Cresuel, não teria que passar por... Perdi um filho, meu pai está morrendo e Dantsem será governado por outro de sangue impuro depois que morrermos. Jorge não suportava tal pensamento. Desde criança fora educado como um rei, paparicado, suas vontades feitas. Aprendera com sábios a legislar, a comandar e tantas coisas que gostaria de passar para seu filho. Mas agora, mesmo com a primavera soltando suas cores, os rios cheios e os animais à mostra, um vazio envolvera o coração do soberano.

— Deveríamos ter tido outro filho. Talvez você possa... . Olhou para Elira.

Elira passou a mão pela barriga, acariciando o linho claro e sentido sua textura macia. O remorso veio com as palavras de seu marido.

— Você sabe que não posso ter mais filhos, por que ainda me atormenta Jorge, por quê? Sua implacável força cedera ao golpe íntimo de seu marido. As lágrimas já não eram mais contidas, suas mãos subindo e decaindo, limpando uma face borrada de água salgada.

Os pensamentos que atormentavam Elira, nesse momento, eram de um romance passado, cujos frutos dosavam de alegria seu coração.

Quando ainda era jovem, assim que se casou com Jorge II, príncipe de Dantsem, Elira engravidara. No início, o espanto da notícia levou a festas e celebrações. Porém, nos quatro meses depois, as dores vieram. Eram constantes essas dores. Diziam as sacerdotisas, encarregadas de Elira, que seria um grande menino ou, o que era mais espantoso, dois ou três. Elira não se importava se fossem um, dois ou três, amá-los-ia igualmente. Mas sabia que não poderia ser assim. Um rei deveria ter um príncipe, menino, um primogênito cuja responsabilidade recairia sob os ombros quando sucedesse o rei. Depois que um príncipe fosse dado, a rainha poderia conceber outros, pois seria o primogênito quem governaria.

Para Elira, a notícia de que poderia conceber dois ou mais filhos, de uma mesma gravidez, preocupava-a. Não que Jorge II fosse capaz de fazer algo contra a vida de

seus filhos, mas Elira não confiava no pai de Jorge II, o rei Jorge I, homem cujos rumores não mostravam um bom caráter. Quando se aproximou a hora do nascimento, Elira recatou-se, trancando-se no quarto com uma serva. Permanecera por exaustas duas semanas para que finalmente desse a luz. E como sofreu Elira. Era sua primeira gravidez e tal fato tornava-a inexperiente. As dores deixavam seus lábios roxos cujos dentes cortavam-nos. As pernas não agüentavam o peso da barriga e esta era grande, muito grande. Seus braços incharam, seus tornozelos rosaram-se e sua face aumentou. Comia como um leão devorando sua caça, tirando aos pedaços.

A serva, uma mulher cuja lealdade recaia sobre Elira e não em Jorge I, estava do seu lado. Elira não queria que ninguém, que não fosse ela e a serva, estivessem quando desse a luz. Tendo Jorge II concordado, pois Elira alegava que estava muito feia e gorda, permitira que ela trancafiasse em seu quarto. E assim foi. Elira, durante a noite, vira as dores aumentando e o sofrimento anunciando a esperada hora.

O júbilo do nascimento arrancou todas as forças de Elira. Assim que escutou o fino choro da criança que sentia pela primeira vez o frio do mundo humano, onde toda sua vida o aguardava, Elira desmaiou. Mas antes do véu negro baixar-se, teve a certeza que escutara mais de um choro.

A serva informou o nascimento e todo o Castelo fora desperto naquela noite de outono, e as árvores, desfolhadas, aplaudiram com seus galhos secos o mais novo príncipe de Dantsem.

E na escuridão escarlate do Castelo festivo, uma mulher de pele morena, segurava um menino choroso enquanto corria pelas sombras. Enquanto Elira adormecia em sua cama.

Viu-se Elira, agora, com uma dor no âmago do seu coração. Jorge não sabia de seus pensamentos e ela esperava que continuasse assim.

Despiu-se de suas roupas, os pensamentos pedindo para serem afogados em uma fria água de banheira. Jorge recostou-se na cama e permaneceu incólume, olhando os véus de cetins caírem sob os lençóis de azul-turquesa. Moveu a cabeça em direção a Elira e viu-a quase despida, uma visão do outro mundo, mas um mundo cuja beleza era inviolável ao tempo. Elira ainda era bela: os cabelos, desleixadamente penteados, faziam-lhe em volta da cabeça, como um resplendor de santa, santa somente, não um mártir, pois as curvas tornavam-na sedutora, como raras vezes há de ter havido no mundo. Era a visão que manteria Jorge II eternamente apaixonado.

— Sofro tanto quanto você Jorge. Daria meu sangue para trazer Cresuel de volta. Ainda olhava para o espelho enquanto falava.

— Desculpe-me, Elira. Devo estar fora de mim. Olhava, Jorge, uma Elira cuja força e caráter eram sua sustentação.

— Não se atormente mais meu amor. Vou banhar-me agora. Dirigiu-se Elira há uma porta lateral, quase escondida, que conduzia à sala de banho, deixando o príncipe Jorge II mergulhado em seus pensamentos.

Assim que Elira afastou-se do espelho, leves batidas na porta despertaram o príncipe. Levantando-se a custo, dirigiu-se à porta, abrindo-a.

— Seu pai deseja vê-lo senhor príncipe. A voz de Amanda penetrou nos ouvidos de Jorge.

— Ele pede que vá agora. Fez uma reverência e afastou-se, corredor à frente.

Jorge, sem pensar direito, encostou a porta e caminhou pelo corredor, rente ver seu pai agonizante no leito de morte.

Capítulo 7

A escuridão engolia toda sua visão. Relanceada, uma pequena fração da luz de uma tocha entrava na sela do calabouço. Elril parou ainda na porta, tonto com o forte odor de excrementos do lugar.

— Dei-me uma tocha, rápido. Falou Elril, sua voz clara na escuridão densa.

Recatado em um dos cantos da sela, o velho homem, cujos pensamentos voltaram a razão, observava o anjo que surgira para fazer o julgamento. Quando a porta foi aberta, não sentiu a loucura de fugir, pois sabia que não havia possibilidades de tal fato se consumir. A visão que teve foi o suficiente para arregalar-lhe os olhos. Um homem prostrou-se frente à luz fraca que vinha dos archotes. Quando, de trás, uma tocha foi-lhe entregue, Figvel viu o contorno de um anjo abrindo as portas do céu. A escuridão recuou frente à luz que jorrava de sua mão, uma roupa enfeitada de cores percorrendo o corpo alto, esbelto. Apenas tinha que esperar.

Escutou uma voz preocupada e juvenil.

— Você esta bem, senhor? Elril aproximou-se do homem, sujo e enjoado que ocupava um canto da sela. O fogo da tocha, em sua mão, iluminando o aposento não maior que quatro metros. Sentiu a pouca vitalidade do velho e erguera-o, a fim de poderem conversar. Enquanto levantava, viu as feições e quase derramou-se as lagrimas.

O cabelo e todo seu traje estavam sujos de palha e areia. Seu robe era manchando nas barras. Sua barba, cinza e longa estava entalhada com feno. Os olhos estavam quase mortos e uma pele fria aplicava-lhe agulhas geladas quando se encontravam. Esse homem sabia Elril, poderia não chegar a cruel sentença ou liberdade que o aguardava.

As mãos estavam para trás do corpo, quando o velho falou.

— Obrigado, meu caro. Fitando-o enquanto falava.

Elril viu que este estava, ainda, com as algemas, e virou-se para a porta gritando:

— Guarda, traga a chave e tire essas algemas desse homem. Talvez fosse o jeito calmo do velho ou um sexto sentido, que permitia uma certa confiança.

Houve um barulho de metal e logo em seguida um guarda, atrapalhado, entrou no aposento inundado por uma luz quente.

— Tem certeza? Ele me parece ainda perigoso. Apressou-se o guarda. Não tinha a menor idéia de correr riscos deixando um jovem sacerdote soltar esse velho cujas ordens recebida fora penetra-lhe o ventre caso tentasse escapar.

— Claro que tenho. Tire logo antes que eu me queixe com a princesa Elira. Elril usou de seu novo status para conseguir um alívio ao velho homem que teria sua vida arrancada trivialmente. O guarda, temeroso, retirou as algemas e libertou o velho Figvel, cuja ação era massagear os finos pulsos torcidos. O guarda segurou o cabo da espada e fitou o mago.

— Mago, estou cumprindo ordens... o Castelo está cheio de guardas, não tente escapar, pois.... Não prosseguiu, não tinha tanta coragem de falar agora que o mago estava sem as algemas. Sabia ele, agora, que o mago, o velho prisioneiro que tanto atormentara, poderia conjurar suas magias e fugir se quisesse, o que seria melhor.

Pois o que seria pior era ele se vingar das chacotas do guarda transformando-o em alguma coisa pegajosa ou até mesmo matando-o.

— Não, meu caro soldado. Nada farei para fugir de onde estou. A dor que guardo consome mais minha energia do que essas algemas enfeitiçadas. Falou o velho Figvel.

— Traga-me dois bancos, guarda. E depois feche a porta. Selimom cuidara de nós. Elril, sem mexer a cabeça ainda fitando o velho mago, ordenou ao guarda postado quase que a ponto de desembainhar a espada e mentir aos seus superiores dizendo algo como "ele tentou fugir, por isso dei-lhe uma espadada". Talvez por medo ou por conduta, o guarda fez o que pediram.

Pouco tempo depois, o clérigo de Selimom, Elril, encontrava-se sentado olho a olho com o mago cujo destino estava em suas mãos.

A porta fechou-se. Uma tocha iluminava a sela. O odor penetrando as entranhas.

— Então, por que não me conta do início! É sempre um bom começo. Disse Elril com as mãos unidas e os ouvidos atentos.

— O início, sacerdote, é quando Elira vem do deserto. Um leve sorriso mostrou-se na boca enrugada do mago.

— Tenho certeza de que verá meu filho assumir o trono, Avriom. Essa afirmativa do rei Jorge I foi dirigida aos dois homens que se encontrava nos aposentos reais.

A cama, um móvel talhado de nobre madeira, permitia afundar o homem que comandara o reino de Dantsem durante muitos anos. Os lençóis de cetim azulados caíam-lhe pelas laterais decoradas. Travesseiros macios com plumas e penas formavam uma barreira acolchoada na maleável coluna do rei. Seus olhos abertos fitando o esboçado desenho na abóbada de seu quarto.

— Tenho certeza que sim, meu rei. Foi uma voz seca, áspera, que emitiu tal resposta. Uma onda de tosse prosseguiu e foi aplacada por um gole de líquido espumante. Eram comuns essas tosse e o catarro, mas nessa manhã de primavera estava constante e mais forte que antes. Ainda podia sentir o gosto do vinho que tomara duas noites atrás comemorando uma boa notícia. Há muito tempo esperara por tal feito, e os deuses deviam ter presenteado-o quando soube que, antes de morrer, veria a dor nos olhos de um inimigo cuja espada não poderia levantar, nem cuja palavra poderia condenar. Rejeitara os avisos dos sacerdotes de que não mais tomasse vinho, pois poderia matá-lo antes do terceiro gole, porém, sua constituição era há de um guerreiro, um homem cuja raiva dosava de forças sua alma.

— É a idade... A idade meu nobre Avriom. O rei Jorge levantou o máximo que pôde a cabeça, mostrando sua careca branca e salpicadas de manchas cinzas. As rugas haviam-lhe chegado até o cocuruto.

— Diga, esse é quem herdará seu título? Tentou permanecer com a cabeça levantada, mas não pôde, o pescoço não mais agüentava. Quando seus olhos viram o acompanhante de Lorde Avriom de Calinior, uma velha fagulha de maldade percorreu suas veias. Não era maldade para com os outros, mas maldade para si; era um sinal de que aquele homem tinha objetivos na vida e força na alma.

— Não... não, meu rei! Uma tosse leve, para limpar a garganta.

— Este é meu servo, Janus. Ele cuida desta carcaça nos últimos meses.

Houve uma pausa e um longo suspiro.

— Está frio hoje. Já não posso mais andar sozinho. A pouca vida que me resta, dedico a justiça de meu coração... Apoderou-se uma serie de tosse cuja violência impulsionou o velho Lorde Calinior à frente de sua cadeira com rodas, seu cobertor de pele de urso-cinza caindo. O homem, alto e forte que o acompanhava, moveu-se para massagear o peito e entrega-lhe um frasco de xarope. Assim que o cobertor de urso cobriu-lhe novamente, todo, Lorde Calinior disse:

— Vê, meu rei, Janus faz coisas que não pos... e coisas que poderia fazer. Sem tosses, dessa vez, esperou seu rei falar.

Não houve resposta. O silêncio continuou.

Lorde Calinior olhou, de baixo a cima, o rosto interrogativo de Janus, o homem que o acompanhava logo atrás de sua cadeira. Nem um dos dois falou. O silêncio continuou.

— Rei... Jorge? Perguntou, espantado, Lorde Calinior. A mão de Janus percorreu o ombro direito de Calinior, a força segurando, esperando uma ordem. O silêncio continuando sua insistência.

Mais que um sussurro, a voz do rei Jorge I, pelo menos naquele momento, mostrou-se um alívio para ambos os visitantes.

— Estou bem. Um devaneio de uma lembrança. Moveu um pouco a cabeça e viu, da cintura para cima, Lorde Calinior e o tal Janus encarando-o, aflitos.

— Ainda demorarei a morrer. Não vou deixar este mundo sem cumprir uma promessa, meu amigo. Disse rei Jorge, enfermo na cama.

— Ah... nem eu, meu amigo, nem eu. Sorriu Lorde Calinior ao dizer tais palavras. Sua mente pensando o porque da demora da amante do rei. Sim, sim. Lorde Calinior era um homem de grande esperteza e tal esperteza mantinha-o bem informado, com algum ouro saindo de seus cofres, mas valia a pena. Mantinha vários informantes em todo o reino, sempre atentos a novidades igual a que soube Três noites atrás. Como comemorou. Sabia que, nas ultimas semanas, o rei Jorge mandara que sua saúde ficasse sob a guarda de Amanda, uma velha serva de sua falecida esposa. Lorde Calinior se lembrara dessa serva e mantinha um informante dentro do Castelo, por isso sabia que ela estaria no quarto do rei. E soube da morte de Cresuel. Mas o momento não era propicio e não convinha deixar o rei Jorge preocupado com tal fofoca.

— É verdade, meu rei, que o príncipe Cresuel, morreu lutando? Segurou sua doença para que não viesse a tosse catarrenta. Gostaria que a serva voltasse logo.

— É Avriom, nada escapa de seus ouvidos. Foi o que houve. Uma luta. Muitos contra poucos e dentre os muitos havia magos demoníacos. Pelo menos uma dúzia desses malditos chacais. Uma nítida emoção nas palavras saiu do rei Jorge.

Este prosseguiu.

— Assim que Tilosos, o comandante as ordens de Cresuel, voltou trazendo seu corpo informou que não tiveram chance e que Cresuel morreu defendendo seu corpo contra um ritual arcano. Novamente ergueu a cabeça para Lorde Calinior.

— É um fim que eu não desejava para o nome Jorge. Recostou a cabeça e virou-se para a esquerda, em direção a janela aberta, cuja luz do dia banhava o chão decorado.

Nesse momento, sem anúncio, as portas foram abertas e um maltratado príncipe Jorge II entrou, riscando o chão com suas pisadas fortes. Amanda, a serva amante do rei moribundo, logo em seguida.

— Hora, o que fazes aqui, Lorde Avriom? Perguntou Jorge II. Quando terminou sua pergunta, viu melhor o homem que estava atrás do Lorde.

Pouco mais alto do que o príncipe, com uma musculatura rígida e bem contornada vestia um colete de lã vermelho, calças grossas de marrons escuro e babado na gola. Um homem cuja primeira impressão era indigerível, sua face barbada em tom escuro.

— E quem é este brutal ser que o cerca? Terminou o príncipe Jorge.

Amanda fechou a porta e foi em direção ao rei. Os passos ecoando no quarto.

— Bom velo, príncipe. Eis que venho apenas visitar no tempo certo. Um velho guerreiro visitando seu velho rei. Este é Janus, meu servo. Dessa vez não pôde conter uma nova tosse e teve que levar a mão à boca para não expelir o catarro na frente da nobreza. Limpo-a na pele de urso e continuou:

— Já não tenho mais a graça da juventude, só ando com a ajuda dos outros, ó príncipe.

O príncipe Jorge II escutou, atento as palavras de Lorde Calinior. Foi em direção a cama onde repousava seu pai cujas mãos eram seguradas por Amanda.

— Pai, esta melhor? Já sabia que não. Era visível seu lastimável estado. Finos lençóis cobrindo-lhe o corpo enrugado e seco. A mão gélida sob a luz do sol de Selimom.

— Ele não teve febre, acho que pode ser um dia bom esse. Falou Amanda, sua voz doce.

— Estou bem, filho, estou bem. Não se preocupe com um homem que vai morrer em breve. O rei Jorge I deu um sorriso, seus lábios roxos pela idade. Levantou a mão direita e passou a ponta dos dedos na face jovem de Jorge II, os olhos em lágrimas, a boca tremula, o peito arfando e, lentamente, a mão descendo. Decaiu e repousou na macia cama de linho de seu Castelo.

A tosse de Lorde Calinior chamou atenção. Não fora como uma tosse de antes, seca, dolorida, mas uma tosse que mostrava que ele ainda estava ali. E seu servo também. Viu o rosto de Jorge II virar-se e leu a pergunta oculta em sua face.

— Nosso bom rei é forte, príncipe Jorge. Ele vai resistir mais. Terminou sem praguejar.

— Eu sei Avriom. Eu é que não sou forte. O soluço e as lágrimas tomaram a cena. Prosseguiu o príncipe.

— Como posso ser forte, se perco o único filho que tenho e nem passa a dor, perco o pai. O choro aumentou.

— Não Jorge...! Seu pai não o abandonou. Quase não dera para ouvir as palavras do rei, cujos fonemas saíam incompletos.

— Jorge... Limitou-se Amanda a dizer.

— Está vendo, ele verá a primavera do ano que vem príncipe Jorge, guarde o que digo. O tom de voz de Lorde Calinior saiu alto e Janus olhou rápido enquanto buscava instruções.

— Disse o senhor príncipe, que não era forte para tais perdas. Posso perguntar se vossa esposa, a princesa Elira, é? Seu punho fechou para conter uma nova onda de tosses que surgisse. Mas não veio.

O príncipe Jorge virou-se, soltando a mão de seu pai.

— É, sim. Suporta a dor como uma rocha. Queria ter tamanha força dentro desse corpo firme. Em pé, ergueu as mãos aos olhos e aparou, em vão, o rio de lágrimas que escorria dos olhos inchados.

O rei Jorge suspirando. Amanda acariciando a pele clara do majestoso amante. Janus parado. Jorge II ensopado de lágrimas, cuja fonte ainda não seca.

— É surpreendente a força de sua esposa. Com certeza ela está no Templo agora, orando para que Cresuel siga sua jornada sem males, não é? Ajeitou-se na cadeira dura, cujas almofadas já o incomodava, e esperou a resposta.

— Não. Passou o dia de ontem recitando orações junto ao corpo. Hoje fui eu. Deixei-la em nosso quarto, banhando-se para afogar os males da perda. Jorge II era apenas sofrimento, sofrimento visível.

Lorde Calinior derrubou um vidro, salpicando o chão de pequenos e grandes pedaços de vidro, um líquido verde serpenteando no chão azulejado. Uma tosse estridente, alucinógena, fora dos padrões, mostrou a fragilidade do velho Lorde. Janus o apoiou na cadeira e aliviou suas dores, que passaram rápido. Este, Porém, ainda falou:

— Senhor Lorde, seu xarope acabou, o senhor quebrou o vidro. Tenho que pegar mais.

Um aliviado Lorde Calinior respondeu:

— Claro, sim. Desde que o príncipe não se importe que eu fique aqui enquanto você pega na carruagem, você pode ir. Certo príncipe Jorge?

Jorge olhava o pai em seu leito de morte, cuja fraqueza agonizava mais do que o próprio fim.

— Que seja. Pode ir.

Lorde Calinior aproximou sua cadeira da cama, onde o rei Jorge I encontrava-se. A serva Amanda, a eterna amante do rei pensava o Lorde, derramava lágrimas cristalinas sob os amassados lençóis azuis.

Lorde Calinior, cadeira junto à cama, tornou a falar.

— Não tema a morte rei Jorge, ela pode ser um alívio. Seus lábios juntaram-se e disseram as últimas palavras antes que Janus, o seu servo, saísse apressado do quarto. Tudo estava como combinado.

Enfim silêncio.

O sol já estava alto no céu azul. Nuvens, levemente acinzentada, voavam soltas e vagarosas pela infinidade das horas. Se tivesse olhado uma ampulheta, instrumento usado para medir o passar do dia e o chegar da noite, teria visto marcando quase meio dia, uma hora movimentada nas grandes cidades.

Enquanto o noviço do Templo conduzia a carruagem pela estrada de paralelepípedos esmaltados, Servilis repousou em seu confortável banco e sorriu quando pensou no passado de seus dias.

Cerca de uma semana atrás, em uma visita ao Castelo, Servilis deixou-se levar pelas orações no Templo do Castelo. Quando seus olhos abriram-se, percebeu que não mais se encontrara sozinho no solar dedicado á Selimom. Este nada mais que uma sala, cuja diferença era uma janela no topo do teto, sendo manualmente aberto ou fechado permitindo assim a entrada constante da luz do sol.

Havia caído em um transe de orações e quando despertou, notou a companhia da princesa Elira. Estava sem as servas, algo que perturbou o sacerdote.

A princesa Elira disse querer conversar e não hesitou parar as lágrimas nos olhos. Durante longo tempo, os dois conversaram. Cada palavra que Elira dizia surpreendia um sacerdote de 62 verões. Nunca esquecera do choque que Elira deu-lhe contando uma historia tão fantástica quanto absurda de acontecer. Mas acontecera e Elira estava aflita. A princesa não omitira, sabia, nem um detalhe e este não acreditou na sorte que Selimom reservara-o. Elira terminou seu relato com uma veemência na voz, dizendo: "Servilis, por favor, não conte a ninguém. Desejo encontrá-lo antes que outro o faça". Servilis, todo maravilhado, acenou a cabeça enquanto dizia: "Claro princesa, será uma honra ajudá-la. Pode confiar, nada direi". Mal sabia Elira que Servilis juntura o pouco que sua memória havia retido durante todos os anos e concluía esbanjando o resultado da busca da princesa. Elira afastou-se deixando um Servilis de sorriso irônico.

Assim que viu a princesa Elira afastar-se, Servilis dirigiu-se a presença do rei Jorge I. Como sacerdote de grande estima, não obteve problemas em ter com o rei, apenas dizendo que viera confortá-lo. Quando contou a conversa que tivera com a princesa Elira, Jorge I cedera a um desmaio, cujo vigor só retornara horas depois.

Servilis, sua sabedoria trabalhando feroz na escura obsessão, focalizou seus desejos e jogou a isca. O rei Jorge I, velho e morrendo, caiu na armadilha. As palavras estão reverberando, como se pedissem para serem saboreadas novamente. "Se você encontrá-lo Servilis, antes que o pouco de vida que me resta se esvaia, eu o consagrarei Lorde dando-lhe terras". Um Servilis cheio de desejos obscuros saiu do quarto real, deixando o rei Jorge I perder-se nas dores da velhice.

Porém, para que seu nome passasse a ser Lorde Servilis, teria que matar alguém. Alguém cuja morte não seria fácil nem custaria pouco ouro.

Capítulo 8

O homem chamado Janus andava pelo corredor. Seus passos ritmados guiavam sua postura de nobre. Era um Maestro iniciando uma orquestra. Seus pés, cujos sapatos de couro tingido combinavam com o vermelho da lã, levitavam no chão largo que caminhava. De certa forma a roupa era inapropriada para tal fato, mas era o único jeito de estar ali. Era a prova de uma sagacidade vivida na mente de um velho que adiar a morte tendo pagado pelo seu atraso. Estupefato ficou quando soube das intenções de seu contratante, mas escolhera o homem certo para o serviço.

O corredor, decorado em todos os detalhes, mostrava portas e mais portas. Em seu trajeto, um ou outro guarda acenava a cabeça, mas nenhum fizera-lo qualquer pergunta. A presença deles era comum e Janus sabia que muitos estavam pelo Castelo. Sabia também que eram bons soldados que protegiam o rei, e que uma luta com algum deles estava fora de questão. Não queria matar mais uma pessoa do que o planejado.

O Castelo, grande e majestoso, estava coberto por um delicado véu de semi-mortandade, um augúrio da morte para homens e mulheres. E pessoas estavam morrendo ou iam morrer nesse dia.

Não seria difícil encontrar o aposento que procurava. Poucas horas atrás estava sentado sob um tumulo antiquado e absorvendo instruções do mapa e de um velho inteligente. Cinco pergaminhos, bem elaborados, mostravam cada passagem necessária para efetuar sua missão. Ainda brincara com o homem dizendo: "Tenho certeza que darão falta desses mapas..." e escutando a rastejada resposta: "Não, não. Paguei muito bem por eles. Eles nunca existiram". Olhando bem para os mapas, lembrou-se da frase dita momentos antes em tal conversa e atreveu-se a repeti-la aos ouvidos de sua companhia: "É, há sempre um jeito da raposa pegar o coelho".

A luz do sol iluminava sua frente, saindo de janelas altas e sem proteções. Jarros, quadros, vitrais, tudo passava em tom borrado a sua visão enquanto seus pés seguiam para o quarto da princesa Elira. Seu faro agindo como se estivesse caçando.

Quando soube estar próximo, avisado pela grande porta-dupla, aguçou os ouvidos treinados a fim de escutar movimentos de terceiros. Nada. Não havia as servas rotineiras paparicando a nobre princesa. Atento, sabia o por que de não escutar as servas próximas da porta. Levava em conta esse importuno ao seu contratante durante a conversa. Este, mais uma vez, pensara em tal problema e tratara de solucioná-lo. Pronto, nada podia sair errado. Todos os palitos haviam sido removidos e separados. Só restava alguém morrer.

Enquanto empurrava, cuidadosamente, a porta-dupla com a mão esquerda, olhou pela brecha fina formada pela abertura da mesma. Não viu ninguém. Havia moveis e mais moveis e estes nada interferiam no seu trabalho.

Rápido, jogou seu corpo pela extremidade da porta. Viu-se comprimisse, reduzido impressionantemente para passar pelo pouco espaço. Deu alguns passos no chão azulejado em direção há um espelho no meio de uma parede. Era um silêncio mortal o que se passara no quarto. Enquanto seguia, procurou relaxar sua musculatura, pensando nas palavras que ouvira: "Deixei-a refrescar-se com um banho...", seria um trabalho rápido o seu. Parou. Virou-se a um canto e viu uma porta, esta pequena,

quase escondida na parede. Aproximou-se devagar, seus pés mais leves a cada passo. Pelo que aprendeu com os mapas, ali deveria ser a sala de banho, usado para refrescasse.

A porta estava aberta, um sorriso percorrendo a face de Janus. Baixou o braço esquerdo e sua mão entrou pela extremidade oculta de sua calça. Era pequena e apertada, mas do tamanho certo para o punhal que ali estava. Seus dedos juntaram-se enquanto segurava o cabo de osso preso a lâmina envenenada. Um líquido escuro, grosso, era protegido por uma fina pele de animal. Levou algum tempo para aprender como era fácil conservar veneno já na lâmina de um punhal, bastava apenas protegê-la com uma camada de pele de intestino de algum animal herbívoro e este serviria como barreira, não deixando o líquido esvair-se.

Assim que puxou o punhal, do tamanho de sua palma, empurrou a porta que separava o quarto da sala de banho. Foi leve seu movimento. Os olhos percorreram o aposento suntuoso a procura de sua vítima. Nada. A sala não era grande e nem demonstrava qualquer outra passagem. Uma grande banheira era o móvel maior do aposento. Um tapete caqui escondia o chão, que provavelmente era de um azul-turquesa. O cheiro de botões-de-fada transportava o local para um paraíso campestre. Seus pés entraram e nada encontraram. A sala estava vazia.

Janus guardou seu punhal envenenado no oculto bolso da calça. Estava visivelmente irritado pela falta de sorte. A princesa Elira não estava na sala de banho. O destino lançara-lhe um coringa no ousado plano. O plano não deveria conter falhas.

Saiu apressado do quarto e entrou novamente no corredor. Continuava silencioso. Franziu o cenho com a chance que escapara de suas mãos. Mas havia algo, ainda, para ser feito. Fora contratado para matar duas pessoas da família real. A princesa Elira era uma. A chance escorreu quando não veio rápido para o quarto dela. Porém, outra pessoa teria de experimentar o fel de sua lâmina. Ainda poderia sair com um contrato bem sucedido e, depois, voltaria para terminar o serviço. De forma alguma poderia deixar essa chance escapar.

Colocou os pensamentos em ordem e prosseguiu rente ao fim do corredor. Teria que andar muito até chegar o local que seu outro contratante dissera que sua vítima estaria. Esperava Janus não ter mais problemas.

Mal sabia que não chegaria.

Subindo os degraus do calabouço, Refal perdia-se em pensamentos. Teria que deixar esse sacerdote e cumprir o que lhe pediram. Logo, dirigiu-se ao encontro da princesa Elira.

Refal havia 27 verões servido a princesa Elira. Chegara novo como servo e transformara o Castelo das Brumas em sua casa. Suas lembranças, pequenas recordações de longínquos tempos, deixavam vago o passado. Sabia que sua mãe morrera durante uma escaramuça que atacara a caravana em que ia em direção a Léon, e seu pai ninguém tivera notícias. Foi um dos seis sobreviventes do ataque. Quando chegou a cidade, sua história reverberou nos pilares da sociedade, até que chegou aos ouvidos da princesa Elira. Esta, com sua bondade, ordenou que o jovem fosse entregue a ela e que a serviria durante o resto de sua vida. Não, no entanto, era algo de mau gosto. Haveria um teto para ele ficar, cama para dormir e tantas

refeições quanto desejasse. Elira, na verdade, estava adotando uma criança órfã cujo futuro era incerto.

Durante seu crescimento, conviveu com um pequeno príncipe Cresuel, sendo uma criança ajudando outra. Na maioria das vezes, era deixado correr livre pelos jardins do castelo, sair pela cidade ou outra atividade quando não fosse necessário aos serviços de Elira. Esses serviços eram, em grande maioria, fofocas da realeza ou missões de investigação rente à presença de seu marido. O príncipe Jorge II não reclamara da ação de sua esposa, mas deixava bem claro que enforcaria o jovem Refal se esse a ofendesse.

Já era adulto, um homem formado, e suas limitações eram grandes. Sendo acompanhante da princesa Elira, Refal não poderia mais sair sozinho e sempre era escoltado por guardas, pois Jorge II cuidava da segurança de sua esposa. Mas não deixou que tal fato prejudicasse seu futuro. Ele era um jovem ambicioso, uma criança nos moldes da realeza cuja nobreza fora retirada no nascimento. Restava a Refal, filho de camponês e servo da princesa, trilhar certo seu futuro.

A chance não demorou a aparecer. Era constante a visita de nobres no Castelo das Brumas. O príncipe Jorge II concedia festas, banquetes ou reuniões nos arredores do castelo. Outros nobres advinham tentando um argumento para aumentar suas posses ou apenas como visita a um rei que logo morreria. Foi, em uma dessas casuais visitas, que Refal conheceu Lorde Avriom de Calinior.

Este ainda não necessitava de sua atual cadeira nem de servos guarda-costas sob suas costas. Conseguia andar sozinho, sua postura madura de um velho guerreiro cuja nobreza advinha antepassados bravos. Não era festa, nem banquete, nem qualquer outro tipo de comemoração, era apenas uma visita formal, onde Lorde Calinior mantinha a cada estação. Esta era outono.

Logo que viu a chance crescente em seu destino, Refal tratou de agarrar como um tigre a sua caça. Lorde Calinior, um velho doentio que não viveria muito tempo, conversava constantemente com Refal, sozinhos em uma das salas desocupadas do castelo. E, em uma dessas reuniões secretas, Lorde Calinior fizera um novo aliado.

Lorde Calinior não poupou em levantar promessas à mente jovem e ambiciosa de Refal. Era como se ele tivesse o dom de ler a mente das pessoas, pensou Refal, quando este lhe prometeu mudar de vida. Como Lorde Calinior não tinha família, só parentes distantes que eram dispensáveis, ele prometera assegurar o futuro de Refal se este servisse como espião do velho Lorde. Refal, ainda meio interessado, aceitou de imediato rente a última oferta de Lorde Avriom de Calinior: quando este morresse, deixaria toda sua fortuna e seu título para o jovem Refal. Pronto, a última carta fora lançada e pegara sua vítima. Refal, o jovem acolhido pela princesa Elira, tornara-se o informante de Lorde Calinior no Castelo das Brumas.

Já havia passado a estação e Refal esperava a visita de Lorde Calinior no Castelo para dar-lhe informações, mas o nobre não comparecera. Quando soube, na mesma noite que todos do castelo, da morte do príncipe Cresuel, Refal não tardou em avisar o seu bem-feitor. Fora muito bem recompensado. E, quando sozinho em seu quarto, descansando de uma manhã mordaz, recebera, secretamente, uma ordem do homem que em breve passaria seu título para Refal, seus olhos vislumbraram o futuro próximo, pois o velho deixaria o mundo dos vivos muito em breve e se desobedecesse tal ordem não herdaria a fortuna da família Calinior.

Assim, Refal, cuja lealdade Elira pensava ter, teria que retirar as servas da companhia da princesa Elira, quando o Lorde Calinior chegasse cedo na manhã do outro dia. E Refal cumpriu sua ordem.

Quando soube que o Lorde Calinior estava nos aposentos do rei, procurou sua princesa para vigiá-la. Teve, com tudo, que esperar um jovem sacerdote aparecer e temeu não dar tempo. Mas o sacerdote veio cedo na manhã de primavera e não foi difícil saber quem era. Por um bom tempo seguiu Elira e este jovem seguidor de Selimom, esperançoso que sua missão fosse cumprida logo. E viu o futuro abrir-lhe um largo sorriso quando Elira, horas depois, trancou-se com o príncipe Jorge II no quarto. Agiu rápido, não deixando a chance escapar-lhe das mãos.

Refal, o único homem servindo Elira, mandou que as servas deixassem-na sozinha, repousando no quarto com seu marido. As servas, mulheres obedientes, saíram as pressas do corredor, onde um acabado príncipe Jorge II sairia momentos depois.

A princesa Elira, futura rainha de Dantsem, estava sozinha no quarto. A morte espreitando seus passos.

Capítulo 9

Elira andava apressada pelo corredor do Castelo. Seus passos ecoando pelas lajotas e paredes frias, alcovitadas de desenhos. O cabelo, solto ao soprar do vento, ladeava suas costas, e uma fina camisola, esta de cor azul e borboletas rosadas, encobria sua beleza de ninfa. Por cima, apenas um manto com o brasão de Dantsem: um escudo de ferro com um touro no centro e dois martelos lateral superiores, e em cima, um outro touro sob duas patas traseiras, brandindo seus chifres para o céu. Um brasão magnífico.

Não imaginava Elira, que logo tornar-se-ia rainha, ver ausente de suas servas. Era um desconforto estar com elas, sabia, mas era algo necessário. Como princesa, Elira era isenta dos trabalhos cansativos, mundanos de uma camponesa. O grande dever era dar um herdeiro ao trono de Dantsem. E ela fizera.

Agora que seus pensamentos apunhalavam novamente o seu coração, Elira lembrou-se das palavras ardentes de seu marido "Se você pudesse engravidar de novo...". Como essas palavras machucavam a carne de Elira, pois ela não poderia conceber mais filhos, sendo Cresuel o último.

Pelo menos era o que pensara antes de falar com Figvel. Pois Elira, princesa e futura rainha de Dantsem, quebrou seu matrimônio com um mago do castelo.

Já era tarde quando os sussurros entraram no ouvido. Fazia uma bela noite, com estrelas salpicando um céu negro e uma lua, toda cheia de se, iluminava palidamente o pátio do Castelo. O ar estava frio e o silêncio era cortado pelos seres da noite. Na varanda do quarto pôde ouvir a distante voz sibilar suas palavras, os fonemas juntando-se e o encanto surgindo. "Venha... venha... aguardo-te na torre". Simples palavras soltas ao vento noturno, denso, gelado, que inundava o Castelo.

A princesa Elira não pôde resistir e nem haveria como. Sabia Elira de quem eram aquelas palavras e podia sentir a tonicidade vibrante de seu encanto. Era uma cortesia da qual não desfrutara havia anos. O presente traíndo o futuro, convidando o passado a se repetir.

"Venha... não demore. Venha Elira...", o poder controlador da magia cegava-a de tal modo que seus pés conduziam-na sem que notasse. Apenas deveria ir.

Elira deixara o quarto tarde da noite, seu marido Jorge II dormindo profundamente. Passou por corredores, por salões, escondeu-se quando uma sombra cruzou seu caminho. Era tudo um sonho. Tudo calmo. Apenas paz no chamado do mago. E finalmente chegou onde deveria.

Havia no Castelo das Brumas uma torre gigantesca. Fora construído há tempos remoto, com duro esforço físico e místico. Não tinha janelas, nem clarabóia, só uma porta de ferro mágico servindo de entrada e saída. Elira entrou.

O que, supostamente, lembrou-se à princesa Elira depois, foi um belo lugar. Tantos feitiços imbuíam um caráter astral em tal local. Nos pensamentos de Elira, era um sonho real.

"Não posso mais viver sem teus beijos, minha amada Elira". Uma voz melodiosa, encantando o passar do tempo, deixava mais extasiada Elira.

Abriam-se os olhos além do véu que a cobria, seus sentidos a confundiam-na, só restando o coração para julgar o certo ou o errado. O certo de seu coração era estar ali, que era o errado de sua mente. O certo de sua mente era não ter saído do quarto, que era o errado de seu coração. Como intervir no julgamento das duas únicas forças encontradas no ser humano? Não havia resposta, apenas teria que decidir.

— Meu coração salta com sua presença. Não sou dona de mim quando você está por perto. Elira sentia calafrios quando falava, um frio mágico deixava-a sorridente. Um sonho que ambos desejavam.

— Você pode dar mais frutos ao nosso amor, Elira. Venha comigo, viveremos juntos com nosso filho. O homem falava calmamente, como se para perpetuar o tempo na torre.

— Não posso deixar Jorge e Cresuel. Como se uma chama iluminasse o breu de seus olhos, uma luz ardente estabilizou seu coração, sua mente enchendo-se de força. Começava a ver, agora, a imprudência que poderia cometer.

— Não Figvel, não posso ir com você. Elira dosava de coragem suas palavras, uma determinação que o velho Figvel, mago do Castelo das Brumas, sabia que ia acontecer.

O amor que sentia pela princesa Elira era algo que esperara por muitos anos. Como uma vela acesa, ardia a cabeça e esfriava os pés. Um desejo que transbordava de adrenalina nas veias do mago. Mas, embora seu coração tornando-se um carrasco, Figvel soluçou as palavras de seu presente.

— Certo. Não mais a incomodarei. Meu amor fornecera fogo para que me aqueça nas noites frias sem você.

Elira, mãos tocando às do mago, deu um último beijo no namorado de sua vida. Um adeus gélido na enfeitada noite. O fim de um romance.

É, de tal forma, que a princesa Elira envolveu-se com Figvel Treves, O Mago de Dantsem.

Agora, tantos verões depois do amor jovem e louco dos dois, esse é apenas outro motivo pelo qual sofre Elira. Três noites passadas, o castelo foi acordado com o lamentoso grito do príncipe Jorge II, este sabendo da trágica morte de seu filho Cresuel, contra um bando de demonistas. Elira praguejou contra o destino, lançando sua ira aos ventos noturnos. O lamento foi crescente e logo todo castelo sucumbiu perante a notícia da morte de Cresuel. Como sofreu silenciosamente Elira. Seus olhos eram poços esvaídos de umidade, sua bile levantando o gosto da perca.

Contudo, mas não o suficiente para desfazer o sofrimento de Elira, uma notícia recente, poucas semanas antes da morte de Cresuel, serviu de sol na tempestade que passava.

Depois de anos, tendo o coração esquecido o passado e rompido a estrada do presente, um mago, o mesmo mago que trouxera vida aos seios de Elira, revelou o que ninguém podia imaginar: Elira dera a luz a gêmeo.

Foi um choque, um espanto que cobriu de felicidades o coração de Elira. Um outro menino? "Oh deuses..." vivia de sussurrar pelo castelo, suas servas nada sabendo. Fazia sentido o que ele disse, julgava Elira. Lembrava-se, ainda em seus sonhos, do outro choro de criança que escutara antes de cair na inconsciência da dor pós-parto. Lembrava-se de como uma antiga serva, já morta por afogamento, sempre levantava as suspeitas de tal ato ter realmente acontecido. Por mais que Elira a pressionasse ela desmentia e continuava como se nada tivesse dito. E por último, como se para multiplicar suas dúvidas, esse mago disse-lhe que foi a serva quem retirou o bebe

pela escuridão, dando ao príncipe recém nascido, o único tesouro que poderia levar consigo: um anel de Jade.

O anel, não valioso por ser uma jóia, mas por ser a prova de um amor, fora esquecido durante longos verões, mas agora representava a única esperança que Elira tinha. Uma esperança que agarrava com todas as forças.

Como se os pedidos tivessem sido atendidos, Elira encontrou alguém que poderia ajudar. Era ideal, um homem velho, cujo coração era cheio de bondade e possuía um distanciamento do Castelo das Brumas. Então, quando Servilis, O Mestre do salão, fazia suas orações no Templo do castelo, Elira revelou o segredo recente. Pensava Elira que Servilis atenderia seu pedido para que ninguém soubesse. Elira estava errada.

O pensamento veio rápido, as imagens ofuscando-se e a densa vontade de rever o mago que tempos passado abraçara, levaram uma Elira alienada pelos corredores do castelo. Seus passos eram ritmados, sua graça era impecável, seu caminho era o calabouço.

Do quarto da princesa Elira ate o primeiro portão que dá acesso ao calabouço, uma longa jornada deve ser percorrida. Portas e mais portas projetavam-se das paredes adornadas de enfeites: bustos, tapeçarias, véus, quadros e toda uma magnífica prataria ou escudaria preenchiam os corredores.

Elira passava agora pelo corredor mais longo que tinha ate o calabouço. Era largo, de placas quadradas no chão e o brasão do reino de Dantsem milimetricamente esculpido em sua base. A alguns metros de distancia, encontrava-se uma porta que dava acesso ao pátio fora do castelo, com o Templo de Selimom protegendo o corpo do príncipe Cresuel. Prosseguiu Elira. Assim que a claridade caiu sob os olhos, Elira viu onde estava e quem se aproximava rapidamente pelo outro lado.

Na parte do castelo em que estava, Elira viu o jardim interno, um dos muitos caprichos que poucos se dariam o luxo de ter. Era uma área quadrada, não mais que seis metros de largura e tanto de comprimento. Uma pequena fonte circular com uma garça jorrando água encontrava-se bem ao centro. Lindas camélias e os adoráveis botões-de-fada inundavam o lugar com um perfume fresco do campo. Depois desse sinuoso jardim, outro corredor, também aberto nessa parte, deixava um homem esvoaçar um manto branco, com signos e cores contornando-o. Elira percebeu os movimentos rápidos do homem, e julgou tratar ser algo importante para ela. No mesmo instante que deu a terceira piscada rente à figura esbranquiçada do outro corredor, uma voz fez ressoar próximo a ela, tão próximo que Elira sentiu no hálito, o cheiro de peixe.

— Bom vê-la, princesa. Foi o que escutou.

Elira voltou-se rápido para ver quem chegara tão perto sem que ela percebesse. Viu um homem alto, forte, cujas feições era a de um camponês, um bárbaro sem qualquer instrução. Estava vestido com um forte colete de lã vermelha e usava calças folgadas de um profundo marrom. Um sorriso de dentes amarelados fez Elira sentir um medo repentino, algo que ninguém explica, só restando chamar de "aviso divino".

Elira, visto os trajes que estava usando, recuou calmamente, distanciando do homem corpulento que a surpreendera.

O homem olhou intrigante para a solução de seu contrato. Seu braço esquerdo, flexível, desceu rumo à extremidade oculta em sua calça. Logo sentiu o áspero cabo do punhal.

Elril estava em pé, perplexo com o mago á sua frente. A escuridão da cela recuou com o brilho da tocha, o fogo crepitando, liberando uma fumaça negra que preencheu o teto baixo do aposento. Os olhos estavam piscando e toda uma vida passava rápido como um relâmpago. A respiração passou a um sussurro quase inaudível, levando o ar carregado de um odor forte de dejetos humanos. "Não... um bebe, um filho... quando jovem...". Era tudo no que podia se fixar. No canto onde a escuridão reinava, afastada da luz da tocha, Elril fitou o rosto do homem velho que ate pouco era apenas um mago. Um mago. Estava em pé, também, e segurando como se fosse um audaz navio, projetou um pequeno corpo de matéria, um brilho saindo quase oculto.

Figvel não sabia como era possível. E se era possível. O destino? Algum Deus rolando dados no jogo da vida? Talvez... Impossível. Durante sua vida, sendo um mago, Figvel não se importava tanto com os poderes das divindades. Sabia que eles existiam, mas era um caminho diferente para ele, entretanto, não havia explicação se não a intervenção divina. Mas mesmo assim, perguntava-se como.

Levantou o anel de jade acima da cabeça, deixou que uma pequena sombra fosse refletida nas paredes adjacentes, como se para provar que não era uma ilusão. Respirou fundo e olhou ao jovem sacerdote que o fitava incólume, ríspido, intrigado com a conversa que acabara de ter. Pela idade, não teria o jovem sacerdote mais que 20 ou 21 verões, uma idade cujo resultado exaltava esperanças ao velho Figvel.

— Você disse... que... que... era meu pai? Elril tremeu os lábios a pergunta de seu coração. Não tinha certeza do que queria escutar. Esperou o velho mago.

Figvel desceu as mãos com o anel, os olhos sem sair de Elril. Avaliou o sacerdote postado a frente. Sua face não parecia com a de Cresuel. Seus cabelos eram longos e seus olhos de um azul claro, o que diferia de Cresuel. Mas não podia deixar de notar um característico ponto de semelhança que tanto havia em sua família: o queixo era aquilino. Também era novo, um rapazote com pouco mais de 20 verões.

— Foi. Quando a pergunta de Elril chegou aos ouvidos, Figvel encontrou apenas uma palavra. Ainda segurava o anel, única prova do distante passado.

Elril tremeu quando o mago Figvel respondeu. Esperava uma seqüência de palavras ou um disparate de perguntas, mas o que veio foi apenas uma curta palavra. Se alguma surpresa teria que acontecer na vida de Elril, esta seria agora. Sua boca estava tremendo, seu corpo pesando, tragado pela força da gravidade, não havia mais cela, nem escuridão, não havia mais vazío.

— Diga, como é possível? Eram tantas perguntas sendo formuladas que Elril não sabia por qual começar. Solto-as como pólen no ar.

— É o que lhe conto, jovem. Você e eu estamos confusos. Figvel, também, conjeturou quando o sacerdote noviço levantou-se pasmo, a mão dentro de uma rude sacola e entregando um anel de jade, com um cão entalhado as mãos de Figvel.

— Eu tive um romance, já passado, com a princesa Elira... . Figvel, pelo clima que se passava, achou sensato repetir o que dissera. Prosseguiu:

— ... éramos jovens tendo uma aventura. Mas tínhamos um amor, éramos felizes. Figvel sabia que deveria pular certos acontecimentos, ou reescrever outros, para não deixar mais atônito o seu ouvinte.

— Claro, sabíamos que era impossível, pois Elira já estava casada com Jorge II. Não poderia ser diferente. Durante um tempo, deixamos que essa paixão nos guias-se. Mas, mas quando Elira disse estar grávida... . Figvel parou. O esforço era demasiado

grande para falar, uma força oculta deixava-o em pé frente à, talvez, o seu outro filho.

— Quando Elira disse que estava grávida, ficamos encurralados. Ela não podia dizer que estava grávida de outro homem, seria o fim para ambos. Figvel levou as mãos ao rosto, sem derramar lágrimas.

Elril escutou atentamente, enquanto outra pessoa também retinha o que na cela se passava.

— Quando Elira deu a luz, teve gêmeo. Dois meninos vieram ao mundo. As suspeitas de que teria mais de um menino era grande, por isso ela se trancou, junto com uma serva, no quarto. Jorge II não entrou e não estava na hora do parto. Figvel respirou, limpou a garganta e continuou.

— Naquela noite nasceu o príncipe Cresuel e... A boca mexeu-se, mas não emitiu som. Os lábios estavam secos e a língua nervosa. Mas continuou.

— E teve você.

Elril recebeu, novamente, como um choque o que Figvel disse.

— Como você sabe que sou eu? Perguntou Elril.

Figvel via uma determinação na pergunta e não hesitou em responder.

— Na noite do parto, assim que o primeiro bebe veio, Elira sucumbira diante as dores. Mas a serva tirou outra criança, um menino. Na mesma noite, a serva saiu as pressas do quarto de Elira, levando consigo o jovem menino em um manto vermelho e dando o único presente que sua mãe, inconsciente, tinha disponível: o anel de jade. Os dois fitavam-se continuamente.

— Quando recobrou a consciência, Elira nada soube, e nem outra pessoa. Depois de alguns verões, o segredo morreu, pois a serva tinha se afogado.

— Mas, se a serva morreu, como você soube de tudo isso? No momento em que estavam, Elril queria respostas rápidas para o batalhão de perguntas em sua mente.

— Sim, claro. Foi há pouco tempo. Um dos servos do castelo, já doente em sua cama, mandou que me chamassem. Quando ficamos a sós no quarto, o homem retirou um amarelado pedaço de pergaminho. A letra não era boa, mas o que tinha escrito, foi a historia que contei. Aparentemente, quem escreveu, foi a tal serva, antes de se afogar.

Figvel se lembrava desse dia. O homem, um velho servo do príncipe Jorge II, deixava que uma doença colateral consumisse o pouco de vida que lhe restava. Ele disse, que, antes da serva morrer, entregou esta carta a ele e pediu que, antes que o homem deixasse esse mundo, entregasse ao velho mago da torre. Ele cumpriu sua jura, minutos antes de sua morte.

— Quando entendi o significado da carta, vi uma nova chance de reconquistar Elira. Conte-i-lhe tudo e ela demonstrou felicidade. Nós íamos procurá-lo, mas... mas você nos encontrou.

Elril deu um passo a frente, diminuindo a distancia entre os dois.

— No Templo, recebi o nome de Elril, que significa 'Alma Nobre'. E fui acolhido com um manto vermelho. Sabia que era verdade. No Templo, um homem chamado Ernest, o condutor da carroça, sempre o lembrava de como tinha chegado ao Templo. Agora fazia sentido.

— Então, Elril, por mais que possa ser difícil, você..., Figvel queria continuar, mas parou. Alguns segundos passaram ate que ele prosseguisse.

— Então você é meu filho mesmo. Dessa vez foi Figvel que saiu da escuridão, parando dois pés de Elril.

Erguendo os braços, como asa de ave, Figvel deixou que a boca falasse uma palavra que queria dizer a muitas horas, desde que essa conversa começara.

— Filho. A barba, suja pela imundice do aposento, era lavada por salgadas lagrimas cristalina.

Elril não tinha certeza do que queria, mas não podia ignorar as evidencias. Era verdade. Um pai que ele sempre sonhara estava em pé, na sua frente de braços abertos. Essa era uma chance que não escaparia. Deixou que sua mente se apagasse, que seus pensamentos se perdessem nas brumas da historia, que os anos passados fossem apagados e, no contato com o corpo frágil do mago, seu pai, deixou que o coração bombeasse a emoção retida por 20 verões.

Assim, na cela do calabouço do Castelo das Brumas, Elril, sacerdote de Selimom, abraçou longamente o pai, Figvel O Mago.

Durante o longo abraço, um suspiro entrou na cela do calabouço, vinda pela pequena abertura gradeada da porta.

Em pé, esforçando-se para ver bem a cena, o guarda no corredor apreciava de camarote um acontecimento único no castelo. Durante a conversa que Figvel e Elril tiveram, leves palavras saiam pela porta e encontravam os ouvidos preguiçosos do guarda. Com a curiosidade crescente, afastou a pequena porta da grade e permitiu-se escutar a conversa.

Desde o momento que começara a escutar, o guarda também via razão em todo os encaixes. Era uma razão obvia demais. Foi por esse motivo que, colocando uma chave de ferro na porta, girou-a e abriu a pesada porta de ferro, da qual não permitia sua saída.

O que viu, agora melhor, foi o abraço de um pai e um filho, uma emoção extasiaste no sepulcro do calabouço.

— É, hum... Hum... Fez ouvisse rente a emoção que enchia de vida o aposento.

Figvel, os olhos cheios de lagrimas, deu uma ultima palmadinha no seu filho. Afastou o corpo de Elril e virou-se para o guarda a frente. O que viu foi um homem gordo, reluzente em uma armadura de metal e sem elmo, a espada embainhada na cintura. Estava em pé e parecia decido a algo.

Elril, mãos tremulas e uma vontade de sorrir, fervia na emoção louca de um encontro a muito desejado. O guarda fitava-o com uma expressão de respeito, e logo posse a falar.

— Não sei se é verdade o que ouvi. Mas se for, eu lutarei pelo senhor, príncipe. Falou firme e não vacilou, o que deu mais ênfase as palavras.

Figvel recobrou do congelante momento em que estavam, e lembrou-se da cela escura que fora seu lar por alguns dias.

— É, Elril, temos que sair daqui. Falou, sua voz como uma trombeta de claridade no sonho real que vivia.

— Certo, vamos então. Quero falar com..., com Elira. Nesse momento, como uma espada penetrando a carne de um homem, uma outra verdade seria dita. Figvel virou-se para Elril e disse:

— Não meu filho. Não podemos dizer a ela. Devemos sair e deixar que ela viva sem sofrimentos e remorsos com Jorge.

Elril não entendeu o que Figvel estava dizendo. Era lógico que ele queria ser abraçado pela mãe.

— Mas, ela é minha mãe. Argumentou Elril.

Uma dor crescente atingia o velho Figvel, pois teria que convencer o filho recém encontrado a não procurar a mãe.

— Elril, você bem sabe que não pode se mostrar como filho da princesa Elira. Deixe que seja assim. Você já sabe quem somos. E, por mais justo que seja, lembre-se da dor que ela sente agora, pois Cresuel, seu irmão,... deixou a frase incompleta.

Elril não queria que tal momento fosse estragado por uma compreensão injusta, por isso concordou, mas sua mente vislumbrando o momento que abraçaria Elira, a mulher que momentos antes era uma deusa viva para ele.

— Certo. Então vamos sair. Falou tristemente.

Figvel, O mago, Elril, o Sacerdote e o guarda do calabouço saíram da cela espantando a escuridão com fogo da tocha.

Capítulo 10

Perdido nos pensamentos dentro da carruagem, Servilis pouco ligava para as batidas da roda no chão esburacado em certas partes, desde que chegasse logo ao Castelo das Brumas.

Agora que o Deus Selimom derramara compaixão em seu coração Servilis apressava-se para evitar um terrível mal.

Quando a princesa Elira contou-lhe que tivera dois filhos com o mago Figvel, Servilis ficou catatônico. Assim que Elira afastou-se, Servilis dirigiu-se ao rei Jorge I e contou-lhe o que dissera Elira. Jorge I ficou pasmo, um golpe na já debilitada saúde. O orgulhoso rei pediu que Servilis desse um fim nesse filho bastardo que Elira, secretamente, concebera. O príncipe Jorge II nada saberia. O fato era que Servilis temia que a descoberta dos bastardos pudesse macular o período de paz que pairava sobre o reino. Era uma decisão difícil e argumentou que seria um ato que talvez ele não pudesse realizar. Mas o rei Jorge I não cedeu. Prometeu-lhe transformá-lo em Lorde e dar-lhe terras, o que proporcionaria grandes fortunas ao sacerdote. Servilis aceitou.

No caminho de volta ao Templo na cidade, Servilis conjeturou as chances de serem verdadeira a sorte do destino. Lembrava-se Servilis que, há muito tempo, um homem no Templo chamado Ernest, atormentava um noviço clérigo lembrando-o de como chegou ao Templo. "Você veio à noite, sim, sim. Era bem magrinho sabe, estava coberto com um tecido caro, seda vermelha. Mas o que foi encontrado com você, isso era bem estranho. Você segurava, brincando, um anel de uma pedra verde, bem bonito, com um cão nela". Era constante ouvir Ernest falando para o jovem chamado Elril. Elril, que em élfico, quer dizer "alma nobre". Muita coincidência.

Como Sacerdote Mestre do Templo na cidade, Servilis sabia de muitas coisas que aconteciam pela cidade, principalmente perto do Templo. Entre suas informações, não foi difícil encontrar um nome forte para retirar do seu caminho o único obstáculo que o separava de tornasse Lorde. Distribuindo um pouco de ouro, conseguiu marcar um encontro, a sós, com um homem chamado Elmer. Aos seus ouvidos, era o nome de maior competência para realizar tal ato.

O encontro se deu em uma antiga casa de guilda abandonada, mas que Servilis sabia conter um aposento secreto, que era usado para rituais nada bondosos. Teria que ser tudo bem trabalhado para que o nome de Servilis não fosse descoberto. O local seria totalmente contrario ao que estava acostumado ser visto. Com astúcia disfarçou a voz, que seria necessário para fazer o contrato. E o ouro sairia dos cofres do Templo. Era um plano astutamente bem elaborado. Restava ser concluído.

Na noite em que o comandante Tilosos adentrou no castelo trazendo o corpo do príncipe Cresuel, todo o castelo fora acordado. Reuniu-se no Grande Salão, dado a cerimônias e coroações reais, os servos e convidados que no castelo estivessem. O príncipe Jorge II estava no torno, que breve seria seu, a princesa Elira ao seu lado. Generais, guardas, servos, e tantos outros se aglomeravam para ver o corpo de Cresuel e ouvir a narrativa de Tilosos. Ali, dentre as pessoas que se pasmavam com

as palavras de Tilosos, o mago Figvel e o sacerdote Servilis veriam o início de uma grande história.

No instante em que terminara Tilosos, Servilis seguiu em direção ao Príncipe Jorge II. Ninguém o detendo. Servilis, após escutar como o príncipe Cresuel havia falecido, disse que suspeitava do Mago Figvel e que este poderia ter algo a ver com o incidente. Foi por sua sugestão que o príncipe Jorge II, na dor da perda do único filho, ordenou que Figvel fosse preso. Para espanto de Servilis, Figvel nada fizera, não reagira. Sabia Servilis o motivo, pois era Figvel quem realmente estava em estado de choque rente a morte de seu filho.

É, dessa forma, que Servilis interferiu no destino de Elril. Mal sabendo ele que seria o ato de maior bondade já prestada.

Entretanto, se por ato do próprio Deus Selimom ou o bom coração de Servilis, este não mais poderia acontecer. Quando, cedo na manhã desse mesmo dia, encontrou o pergaminho com quatro palavras, Servilis dirigiu-se a sala no Templo. No caminho, tendo encontrado um noviço que se atrasara, ordenou que este o aguardasse, caso precisasse de ajuda. Dentro da sala, dirigiu-se a estatua de Selimom, O Deus Justo, e entoou uma oração. Foi nesse momento que Servilis viu a barbaridade que iria cometer. Trairia os votos que fizera anos atrás para com o deus, quebrara a jura com a princesa Elira, rompera a bondade que era sua marca. Não, não. De forma alguma poderia acontecer tal ato de injustiça. Nessa oração ao Deus Justo, que começara "Ó Deus amável, que nos aquece a alma; nos da vida...", Servilis arrependeu-se de tramar a morte de um jovem inocente.

Agora, no caminho do Castelo das Brumas, teria que encontrar a princesa Elira e contar-lhe o destino que traçara para seu filho desaparecido.

A carruagem breiou e Servilis teve que segurar firme para não ser jogado a frente. Ouviu-se o relinchar de cavalos e a batida de grandes patas no chão, fazendo a poeira subir.

Abrindo a pequena portinhola da carruagem, Servilis viu um guarda do castelo aproximar-se, com uma espada longa na mão, barrando seu caminho.

— Trago o Mestre Servilis do Templo, para ter com o rei Jorge I. O noviço clérigo argumentou, antes que o guarda algo perguntasse.

Servilis olhou para o que estava acontecendo. Um guarda idiota atrapalhando o salvamento do filho da princesa Elira. Projetou um pouco mais a cabeça para fora e vociferou a imprudência do guarda:

— Abra o portão, logo! Se não farei com que vá trabalhar no porto. Ande homem. Não podia Servilis pedir ajuda, pois talvez os guardas, pelo menos estes aqui, não seriam de confiança, e não queria que tal escândalo seguisse cidade abaixo.

O guarda temeroso com as palavras do sacerdote tratou de abrir o portão, permitindo a carruagem subir o morro para o castelo.

O noviço que conduzia a carruagem, chicoteou os cavalos, e estes logo começaram a jornada.

Não demorou em que chegassem frente o castelo, e este continuava tocado pela cortina da morte que logo teria mais um cadáver se Servilis não interferisse.

Abrindo a porta antes que o clérigo fizesse, Servilis pulou os degraus da carruagem, enquanto virava-se para o noviço, dizendo:

— Vá ao calabouço, encontre um clérigo chamado Elril e diga-lhe que eu o aguardo. Agora. Servilis sabia que tinha de falar com Elira antes que algo acontecesse, e agradecera ao bom Selimom por ter permitido que o clérigo que o acompanhava tivesse se atrasado naquela manhã. Quando este caminhava para dentro do castelo, direção do calabouço, Servilis disse:

—No caminho, não confie em ninguém. E diga a Elril que a vida dele corre perigo. Terminada estas palavras, Servilis correu para dentro do Castelo das Brumas, sem se importar com ninguém, tentando evitar que mais uma morte ferisse o reino de Dantsem.

Aos passos largos, dificultados pela idade, Servilis penetrou pelo castelo, envolto na atmosfera sepulcral que mantinha desde três dias passados. No caminho, nada que visse surpreendia o já acostumado sacerdote. Toda a beleza do local era apenas um traço na mente paranóica de um velho sacerdote tentando evitar a morte do único herdeiro da família real de Dantsem. Duas servas do castelo olharam intrigados para a velocidade que Servilis jogava suas pernas à frente, fazendo com que o manto longo esbranquiçado, voasse solto ao seu redor. A preocupação pelo seu ato transbordou de dor o coração do homem, o suor escorreu-lhe pela face e sua boca travou-se com o medo de não chegar a tempo.

Como era dia, os archotes do castelo estavam apagados, e a luminosidade advinha de janelas altas ou espelhadas do chão ilustrado. Por onde andava, o castelo demonstrava um labirinto de corredores e alcovas elaboradas. No corredor, este mais longo agora, Servilis encontraria no final, bastando apenas dobrar a direita, a porta do quarto de Elira. Teria que falar com ela.

Enquanto as sombras eram mantidas afastadas pela luz que descia do céu e era espalhada no chão marmorizado, Servilis sentiu o perfume campestre crescendo, logo antes que toda uma parte do corredor mostrava-se iluminado, pois um pequeno jardim, este capricho da única mulher viva da família Jorge, permitia enfeitar o seu lar. Prosseguiu Servilis, esvoaçando o manto branco e pensando que palavra diria a futura rainha de Dantsem.

À parte do corredor, bem iluminado, surgiu. Era amplo e perfumado, sendo tocado pelo chão florido de cores bonitas. Foi, nesse momento, cujos pés quase alcançavam um metro de distancia um do outro, que Servilis parou, atônito com o que vira.

Sua vista passando pelo pequeno jardim, sendo divisado por uma fonte, Servilis viu a princesa Elira que procurara. Estava usando uma roupa azulada e andando de costas. Mas o motivo da surpresa maior de Servilis, foi ter visto o homem que contratara para matar Elril.

Não sabia no que pensar, ou se quer imaginar o que aquele homem estaria conversando com Elira. Suas pernas obedeceram ao comando de saltar para frente, conduzindo o corpo incólume do sacerdote. Seus pés esmagaram botões-de-fada, deixando profundas marcas no solo adubado. As pequenas flores desaparecendo, anunciando a morte que espreitava no corredor do castelo.

— Elira, afaste-se dele. Servilis rugiu como um leão.

Respirar, pelo menos nos últimos dias, era um tormento. Os pulmões tragavam o ar denso que preenchia o quarto. A cada inspiração fagulhas ascendia uma dor na carne interna, próximo ao peito. Seu peso fora retido a metade do que antes esbanjava,

seus músculos secaram, apenas ficando pele enrugada sob os ossos porosos de um ancião. O cabelo há muito abandonara, deixando a cabeça lisa e salpicada de manchas cinzas. Os dedos alongaram-se e suas unhas, três esquerdas e duas direitas, caíram sem força para se sustentar, tornando os dedos hastes de carne branca visível a qualquer. As costelas ficaram bem visíveis, podendo ser tocadas. Era assim que o rei Jorge I defendia seu vasto reino, pois ele ainda era o rei, e sob sua voz ninguém levantava a cabeça.

Quando Servilis, sacerdote do templo na cidade, veio contar-lhe o que Elira fizera, Jorge I chorou de raiva pela traição da mulher de seu único filho. Prometera que o filho bastardo de Elira não viveria para tomar posse do trono, mesmo sendo de sangue real. De modo que dissera a Servilis que lhe consagraria Lorde. Mas no momento, Jorge I preocupava-se em manter-se vivo.

Amanda cuidava do rei como se fosse um menino e o príncipe Jorge II não reclamava da posição dela. Era o amor que permitia sustentar a dor de seu amado rei.

Enquanto estavam no quarto, ainda com Lorde Calinior marcando presença, o rei Jorge I pensou quem governaria depois da morte do príncipe Jorge II. Se fosse, não queria que o filho bastardo de Elira assumisse o poder.

— Jorge... . Suspirou calmamente no silêncio do quarto.

— Sim meu pai? Jorge II queria que seu pai não sofresse mais.

— Quero, que se case de novo. O rei Jorge I encontrou essa solução agora, no momento dos devaneios dolorosos.

— Eu... Não posso meu pai. Jorge II ficou incrédulo com o pedido do pai. Não sabia o por que de tal questão agora.

— Já sou casado pai e amo Elira. Defendeu-se Jorge II.

—O reino Jorge, sem herdeiro... . Parou. As forças não vinham mais. Esforçou-se para continuar, mais o que saiu foi o ar seco dos pulmões doentes. Ainda suspirou, mas não havia como continuar. A voz, na fatal doença, sumiu. Uma vontade do prazer sonoro.

Amanda segurou firme a mão do rei, os olhos vertidos de pesadas lágrimas. Só pensava nos lindos momentos que tivera no passado. O rei Jorge sempre fora bondoso para ela, embora seu interesse fosse pela carne. Amanda não contrariava os desejos de seu rei.

O príncipe Jorge II olhava de cima a baixo o corpo de seu pai. Não era mais humano. Com um pouco dos lençóis afastados, Jorge II pôde ver o lastimável estado do homem. Toda a pele sucumbira a uma cor plácida, sem vida. Rugas enriqueciam a feiúra da carne, sendo mais concentrada no pescoço. Uma doença que só a idade poderia trazer.

— Pai, não gaste suas forças. Guardais para a cura da doença. Os olhos azuis do príncipe Jorge II fitaram os olhos moribundos de seu pai, leitoso na cama.

O rei Jorge I acenou, piscando uma vez.

Lorde Calinior, que ate agora deixara pai e filho terem, talvez, a última conversa, pensava se o assassino cumprira o trato. Como queria que sim. Ele não gastara tanto ouro por uma fraude de um homem experiente. Havia anos, pensado em como arrancaria o sofrimento do príncipe que lhe humilhara na própria casa. Jamais esquecera da noite do seu 56º verão, quando dera um banquete em tal ocasião. Por imprudência de um mero servo, uma criança tola que recebera mais do que repreensão, Lorde Avriom de Calinior fora ridicularizado pelo príncipe Jorge II, mas

sabia que fora motivado pela sua mulher, a princesa Elira. Depois desse dia, Lorde Calinior passou a tramar sua vingança.

A chance veio três noites atrás, quando um mensageiro trouxe uma carta de seu informante no castelo. Um jovem ambicioso que acreditou na lábia astuta do velho Lorde. Lorde Calinior prometera dar suas posses e o título, caso o tal informante o ajudasse. Uma mentira que fora celebrado em casa, com uma gargalhada extasiaste. Contudo, o informante Refal, um homem adotado ainda criança pela princesa Elira, cumprira sua parte.

Foi de tal forma que a vingança contra a família real que estragara o aniversário de Lorde Calinior surgiu. O príncipe Cresuel havia morrido em um ritual mágico, breve o rei Jorge I morreria e, o que Lorde Calinior teria o prazer em dizer, à princesa Elira seria assassinada. Só restava o frágil príncipe Jorge II para conduzir o reino. Lorde Calinior poderia, em fim, ter seu descanso eterno com a promessa cumprida.

Lorde Calinior olhou para a carcaça de seu rei. Como era lastimável a doença.

— Talvez pudesse servir uma taça de vinho, minha cara? Perguntou Lorde Calinior.

Amanda olhou para o homem na cadeira com rodas. Mais um velho doente para eu cuidar pensou Amanda.

— Claro. Trarei logo. Levantando-se da cama, Amanda saiu para pegar o vinho que Lorde Calinior desfrutaria na manhã de tantas mortes.

— Pai, devo voltar para Elira. Tenho que conversar com ela. Falou Jorge II, esperando escutar as palavras de seu pai.

O rei Jorge I apenas suspirou longamente, uma agonia pelo ar que escapava cada vez mais dos pulmões. Não conseguiu falar, tentou, em vão, mas não pôde. Apenas balançou a cabeça enrugada.

O príncipe Jorge II repousou a mão do rei no peito. Esfregou-lhe a face e dirigiu-se a saída. Antes, Porém, disse:

— Avriom, não saia enquanto Amanda não chegar. Deixar meu pai só é permiti-lhe o fim.

— Claro príncipe. Farei o que me pedi. Disse Lorde Calinior. Um novo pensamento percorrendo seus desejos.

O príncipe Jorge saiu do quarto.

A luz que descia de uma janela e fortificada pela varanda aberta, inundava brilhantemente o chão azulejado de tom azul.

O rei Jorge I ouviu o barulho de madeira riscando pedra e virou sua cabeça para a direita. Viu Lorde Calinior aproximar-se, guiando duramente a cadeira rente à cama.

— Sabe, Jorge, é difícil quando se chega nessa idade. Começou o Lorde.

O rei Jorge I não podia dizer nada, sua voz não saia.

— Veja bem. Quando se está caçando, o caçador não pode perder a chance de uma boa mira. Não, não pode. Lorde Calinior falava saboreando as palavras. Cada uma era dita como se tivesse sido ensaiados durante anos. Uma amargura florescia a cada nova entoação.

Parando, encostadamente a cama, Lorde Calinior segurou a mão frágil do rei Jorge I. Este nada podendo fazer. O Lorde sentiu a fragilidade do rei e permitiu-se um sorriso malévolos. O calor do sangue atingiu o braço esticado do rei e esse sentiu os lábios tremer. Alguma coisa deveria dizer. Não conseguiu.

— O que faço, meu bom rei, é fornecer a você o fim do sofrimento. Terminou essa frase dando uma leve risada, salpicando de saliva os lençóis de cetim do rei.

O rei Jorge I sentiu o frio aproximasse. Viu bem quando Lorde Calinior, o homem que jurara lealdade, estendeu a mão, também enrugada, mas ainda com força, em direção ao pescoço, fino e maleável, estendido indefeso na cama. Os olhos fitavam seu carrasco de baixo a cima. Eram olhos amarelados, escarnecidos de ódio guardado, de dor intelectual, de traição. Sentiu a pressão dos dedos fechando a garganta, tornando o ar um fio de desejo no silêncio do quarto.

Lorde Calinior pressionou mais, os dedos retendo uma força acumulada pela alma. Não queria que esse momento fosse rápido, haveria tempo. Amanda demoraria a trazer vinho. Preocupou-se em fazer o rei sofrer, sofrer cada vez mais. No lapso de seus pensamentos, viu a claridade da vida esvaindo-se dos olhos do rei. Sua mão pressionou mais um pouco, fechando a passagem do ar.

O rei Jorge I tremeu a falta de ar. Não tinha força para escapar. As mãos seguraram a de Lorde Calinior, sem nada poder fazer. Sua força, pelo menos agora, era pouca. Tentou em vão retirar, afastar a "lâmina da guilhotina" de seu suposto amigo. Não conseguiu. Ar esvaindo-se. Um fio perdido na malha da vida.

Lord Calinior parou de pressionar o pescoço do rei. Não por que quisesse, mas por que uma onda de tosse apoderou-se de se. Veio forte, mais que as outras. Uma seqüência de arrepios, violência no corpo, dor. Seu tórax doía agora, um gosto quente na boca antecedeu a carnosidade do catarro expelido. Mas, para espanto de Lorde Calinior, não saiu de tom verde-amarelado, igual aos outros. Manchas avermelhadas preenchiam a maior parte da massa catarrenta que o lenço guardava. E mais tosse, mais catarro-sangue expelido.

A dor nos pulmões arrebatou o corpo frágil do velho Lorde. Lágrimas caíam pela face, inundando a boca de água salgada. Logo a asma fez os olhos revirarem. Agora, no momento em que cumpria sua vingança, a asma e a tosse não permitiam a Lorde Avriom de Calinior, respirar. Não havia como respirar. Era uma dor congelante. Sem força para segurar-se, Lorde Calinior caiu ao chão. Seu corpo batendo nos azulejos centenários do castelo.

A boca abria-se e fechava-se, tentando tragar o ar em volta. Nada. Como se uma bolha, esvaída de ar, tivesse sido colocada na cabeça de Lorde Calinior, ele não respirava. Vieram os espasmos, os catarros saindo, agora, pelo nariz. A fina dor nos ouvidos tornando o momento um sofrimento sem um servo ou alguém para ajudá-lo. O chão, frio, suportou o peso estorcido do velho nobre. O fim estava próximo.

Os gemidos, mais guinchos loucos do que gemidos, ecoavam pelo quarto do rei. O corpo ao chão, a face grudada com o catarro expelido, os olhos arquejando de dor. Um sofrimento sem igual para Lorde Calinior.

A mão segurou o lençol azul de cetim, derrubando-o. Lorde Calinior viu a morte banhada de azul-turquesa.

Em fim, tudo parou.

Não se ouvia mais os guinchos, nem a respiração dolorosa. Só o soprar do vento, levando harmonicamente dois velhos homens para a eternidade desejada.

Capítulo 11

Elira olhava para o homem que a surpreendera no corredor. Não tinha visto ele antes e sua presença acompanhava medo.

Quando este terminou de falar “Bom vê-la, princesa” e sorriu amarelamente, Elira escutou um grito, forte, alto, vindo do outro lado do jardim. O som percorreu todo o local, sendo rebatido pelas grossas paredes do castelo. Virou-se e viu que Servilis, o sacerdote, pulara, rapidamente, direção a ela.

Nesse pouco espaço de tempo, Elira mal teve chance de avaliar os acontecimentos. Como foi rápido. Deu-se início ao fim da história de Elira.

A princesa Elira, o olho fixo em Servilis, assistiu mais uma morte.

Quando terminara de cumprimentar Elira, Elmer, O Assassino, desceu sua mão, já treinada, direção ao bolso escondido de sua calça. Sentiu o frio do cabo e retirou, os dedos fixos para que não soltasse.

Já retirara todo o punhal e enrijeceu o braço para o golpe certo, rumo o coração da princesa Elira. Porém, no momento em que faria, um grito surpreendeu Elmer, que, de tanta felicidade por ter encontrado Elira sozinha no corredor, não esperava por interrupções, girou o corpo pela direita e viu o forte brilho do sol batendo no manto branco do homem que saltava em sua direção. O braço desceu rápido, impulsionando o peso da lâmina a frente, seus dedos soltando o objeto para que esse fosse reto. Os olhos logo viram que acertara o alvo.

Servilis, que saltara para aproximar-se de Elira, não tivera chance de escapar da arma letal que fora arremessada. O punhal penetrou seu manto branco, cortando tecido e carne, projetando sua ponta umedecida de veneno a circulação sanguínea. O choque da arma fez Servilis parar, recuou um paço atrás e ficou em pé. Levou a mão ao peito, onde se encontrava a arma. Os olhos piscaram aturdidos, como se perguntasse o que estava acontecendo. Tremulações vibraram seus lábios e a saliva escoria para fora da boca. Sua perna foi à frente e o peso do corpo já não era suportado. Em pé, cambaleou, girou e tossiu. Fel escorreu-lhe, manchando de vermelho as flores próximas. Sua mente registrava tudo, ainda tentando chegar perto de Elira. Deu alguns passos em direção a ela e, no esforço que pôde, disse “Assa-... ssassino”. Foi um lamento dolorido sua palavra.

Elira, apoderada de um medo único, emitiu um grito forte ao ver Servilis banhado em sangue, que escorria de seu peito. A visão que tinha mostrou o homem, perto de se, retirar outra lâmina que brilhava na mão. Sua boca abriu-se, mas não falou. Seus pés não se moviam. Seu corpo em estado de choque.

— Sabe, princesa, ainda bem que ele me pagou adiantado pelo serviço. Elmer falou, enquanto segurava outra arma, esta reservada para outro membro da família real. Só restava mais uma guardada nas roupagens.

Como se para selar o destino traçado pelos deuses, ou por um deus, outra voz fez ouvir-se no corredor de batalha.

— Um grande “não” foi o que escutaram.

Essa voz, de tonalidade juvenil, fez com que Elmer parasse. Já era perturbador demais o que estava acontecendo. Acabara de matar quem não deveria, e prestes a cumprir o contrato, mais alguém aparecera.

— Ora, pro inferno para quem tentar me intervir. Vociferou Elmer.

Aguçando os olhos, divisou três pessoas atrás de Elira. Um deles era, com certeza, um dos guardas do castelo. Sua armadura indiscutível. O outro era um mendigo, se não pior. E o outro, mais alto, vestia roupas de babados e cetins, talvez um dos nobres do Castelo..

Elira jogou-se no jardim, seu corpo batendo nas floris macias, seu único refugio na cena que se passava. O sol iluminando e abençoando o dia que já era tarde. Tarde para a família real de Dantsem.

Assim que adentraram no corredor, andando alguns metros, Figvel, Elril e o guarda escutaram o grito de Elira. Trespasou-os como ondas no mar agitado. Logo, trataram de correr em direção a futura rainha de Dantsem. Há alguns metros, podiam ver a silhueta de Elira, vestida de azul e branco, recuando rente um homem que estava a sua frente.

Talvez fosse a adrenalina que sentia, ou o medo de perder a mãe que acabara de encontrar, mas Elril sacou da bainha do guarda a espada e atirou-se para frente, suas pernas alongando-se na corrida frenética que se submetera, tendo gritado uma negativa ao caos que poderia acontecer. Figvel, velho e debilitado pelos poucos dias de reclusão, não podia correr, tendo apoiado-se no guarda para que esse o ajudasse.

Enquanto corria, Elril pensou em Selimom, o Deus da Firmeza de Espírito, e pediu-lhe bênçãos nesse momento de provação. Pensava Elril: "Selimom, Deus meu, protegei esse filho que a vós suplica ajuda". Continuou a correr.

Pela descrição que Servilis, agonizante no chão, dera a Elmer, este sabia que o jovem, correndo em sua direção, era á outra vitima. Sentiu a adrenalina percorrer suas veias. Fazia tempo que não lutara, e hoje estava sendo um dia bom.

Alinhando todo o corpo verticalmente, Elmer preparou-se para um golpe. Seu corpo enrijeceu-se e ele levantou, o máximo que pode, o braço direito, tendo na ponta dos dedos o punhal envenenado preparado para o jovem imprudente que corria em direção a morte certa.

Elira afastava-se do homem que segurava um punhal e aproximou-se do corpo de Servilis. Todo vestido de branco, Servilis soluçava espumas de sangue. Seu peito ainda estava cravado pelo punhal, tendo sangue escorrendo pela abertura na carne. O lindo manto branco, trabalhado e decorado, escondia sua beleza na poça de sangue que se formava. A cabeça tremia por falta de oxigênio, de um lado ao outro. Agonia para o servo do Deus da Paz, que agora o aguardava...

Elril viu a mão do homem descer veloz, seu corpo projetando-se à frente. A perna direita esticada, também, à frente, e a esquerda para trás. O homem diminuiu sua musculatura enquanto o brilho da lâmina vinha rodopiando em direção ao peito de Elril. Sem escudo, sem armadura, apenas a espada na mão, Elril abaixou-se, mergulhando, para esquivar do ataque. O punhal passou próximo e Elril ouviu quando o metal bateu no mármore do chão. Levantando-se rápido, Elril continuou correndo enquanto o homem voltava a posição inicial. Elril brandiu um grito louvado, esperando que Selimom o ajudasse: "A coragem é minha força".

E foi brandindo esse grito de coragem que Elril enfrentou Elmer.

A espada de Elril desce pela direita, de cima a baixo. O peso da lâmina impulsionou um pouco o corpo do jovem, mas este conseguiu segurar-se. Elmer esquivou do golpe

baixando o peito para frente, no mesmo instante em que seu punhal, envenenado, tentava acertar a perna de Elril.

Elril sentiu como se possuído por uma força mística, algo cujo poder o transformasse. Uma luz tirou-lhe a escuridão dos olhos e Elril jurava que podia ver os movimentos futuros de seu rival. Quando o inimigo baixou-se se defendendo do golpe da espada e tentando cravar o punhal na perna de Elril, este a retirou rapidamente, colocando-se de costas a parede do corredor.

Elmer levantou-se e avaliou a situação.

— Não deveria brincar com gente grande, rapazote. Falou esboçando um sorriso maldoso para o jovem sacerdote.

Figvel e o guarda assistiam, de longe, a batalha. O guarda, por medo talvez, não entrara na luta. Figvel, tendo as correntes retiradas todo o seu Karma, não podia usar de magias. Servilis, o sacerdote, morria lentamente nos braços de Elira. Elira chorando e vendo uma esperança no rapaz que lutava com o assassino.

— A justiça de divina recairá sob você. Pagaras! Elril estocou a frente, sua mão cansando-se com o peso da espada. Elmer girou novamente, empurrando a lâmina com o braço direito. Atirou o punhal ao alto e aproximou-se do corpo de Elril. A mão esquerda, treinada para o movimento, segurou o punhal a tempo, e já estava na direção de Elril.

Elril viu a lâmina rumo ao seu pescoço. Tentou uma joelhada no homem, mas este mantinha as pernas firmes, impossível de ser acertadas. O que fez foi puxar a espada com toda a força, deixando Elmer sem equilíbrio. Deu certo, pois a mão com o punhal passou acima e fez Elmer recua, mantendo-se em pé sob o chão gramado.

Elril estocou novamente, Elmer esquivando. Estocava e estocava, atribuindo toda sua força para cortar a carne do inimigo. Elmer esquivava. Um jogo lento que Elmer queria, pois dessa forma, cansaria oponente e seria mais fácil abatê-lo.

As flores que perfumavam o ar do pequeno jardim estavam esmagadas ao chão. Grandes pegadas, formando um passarel, retirara o brilho dos botões-de-fada.

Elril continuou a estocar. Nunca fora bom de batalha e hoje seria sua provação. Cansou o braço. Parara de atacar. Recuou um pouco, para que previsse os golpes do inimigo.

Ambos arfavam de cansaço. O calor crescia. Alguém teria que ceder.

Elmer não podia mais esperar. Talvez, em breve, esse local estaria cheio de guardas. Não queria matar muitas pessoas hoje.

Retirando com a mão direita, outro punhal, Elmer segurou firmes as duas armas. Riscou o ar com ambas, ziguezagueando com movimentos de pulsos e antebraços. O brilho das lâminas favorecia o já treinado mestre de matar, que era uma desvantagem para o jovem Elril.

Elril não soube bem como fizera, mas no instante em que piscara o olho, o oponente arremessara um dos punhais contra ele. Atirando-se rapidamente próximo a fonte, Elril escapou da morte que vinha rasgando o ar. Não teve tempo de pensar, pois o assassino saltara em sua direção. Colocou a espada à frente, a ponta servindo de escudo. Preso as duas mãos, o cabo manteve-se reto enquanto defendia o primeiro ataque do assassino.

Estavam próximos um do outro. A distancia de uma espada e meio braço. Elril viu que o homem girava o punhal apenas com o pulso, deixando todo um lado esquerdo

desprotegido. Elril colou mais força na espada, projetou a frente e impulsionou para que comesse a carne do homem.

No momento em que fizera, Elril viu que seu plano dera certo. O homem parara com um movimento de sua mão, deixando o punhal cair. Ainda de pé, expeliu uma grande quantidade de saliva. Sua face contorceu-se em dor. A boca abriu-se, os olhos arregalaram-se e sua mão direita elevou-se por trás, como se para pegar algo. A espada de Elril penetrando no peito do homem, mas cuja força não permitia passar pela proteção de couro seco que o assassino tinha.

Elril mirou os olhos atrás do assassino e viu Elira, a doce princesa Elira com a face dura, tomada por uma ira florida. Puxando a espada, Elril viu o assassino cair de joelhos, sua expressão perdida no véu de Cruine.

Elmer tombou ao chão, sua face beijando a terra esmagada pelas próprias pegadas. Um punhal estava cravado centímetros abaixo de seu pescoço.

Elira decidira a batalha.

Amanda passou pelo ultimo corredor do castelo com uma jarra de vinho do porto. Segurava uma bandeja de prata e três taças cristalinas, todas esverdeadas, junto à garrafa. Seus pensamentos voltados ao homem que amara sucumbindo a uma doença lastimosa.

A porta dupla mostrou-se à frente e Amanda ajeitou-se para abrir. Cuidadosamente segurou a bandeja com a mão esquerda e com a direita empurrou a madeira de lei. A porta abriu-se. Os dois primeiros passos mostraram o horror que caíra no quarto do rei. A bandeja foi ao chão, a garrafa quebrando-se, espalhando o doce vinho pelas lajotas azuis. As taças, cristalinas, criaram um chão azul, manchado de vermelho e salpicado de pequenos cristais esverdeados. Levou a mão à boca, vendo a cena que a espantara.

A cadeira com rodas estava vazia, uma pele de urso-cinza sob seu acento. No chão, uma poça de catarro e sangue ensopava o velho nobre que viera cumprimentar seu rei. O corpo de Lorde Avriom de Calinior estava contorcido no chão, suas pernas juntas aos braços e ao queixo. Ainda era visível o catarro sangrento escorrendo pela boca e nariz. Sua mão, esquerda, segurava o lençol da cama do rei.

Amanda foi à direção da cama de seu rei, na esperança de que nada tivesse acontecido com ele. Quando chegou, paralisou-a de tal forma que nem uma palavra disse.

O rei Jorge I estava quase desnudo, o lençol tendo sido puxado por Lorde Calinior. Da cintura para cima podia ver o consumismo da doença que o afetara. Os olhos estavam abertos, fitando o infinito alaranjado da abobada acima. Como se preso por pequenos ganchos, seus lábios estavam abertos, os poucos dentes escondendo a lúgubre boca. Sua carne sumira, deixando apenas pele e ossos. Não respirava.

Os mortos vestiam Azul.

Na manhã da segunda semana de primavera, o reino de Dantsem perdeu seu rei.

Lorde Avriom de Calinior seguiu escoltando a majestade para o julgamento divino.

Capítulo 12

Elril parou. Deixou a espada cair das mãos e permitiu respirar profundamente.

Figvel e o guarda aproximaram e a princesa Elira afastou-se do corpo de Elmer, caído inerte ao chão.

O local, á céu aberto, derramava os raios do sol sob dois corpos sem vida ao chão, dividindo o canto com flores perfumosas. A fonte continuava a jorrar água, como se nada tivesse acontecido. Gotas caíam na face de Elmer, seu dono sem reclamar. O momento era de silêncio.

Quando Elril viu o corpo de Servilis no chão, soluço antecedente a lagrima invadiu a frágil emoção do jovem. O homem que sempre ensinara a bondade e generosidade estava morto, uma poça de sangue cobrindo seu manto outrora branco. Seus olhos foram em direção a uma pessoa que jamais pensou ser tão próximo. A princesa Elira estava em pé, de costas para Elril. Ainda podias-se ver como era jovem, bonita. Uma verdadeira rainha.

Foi Figvel quem quebrou o silêncio banhado pelo sol.

— Elira... você esta bem?

Elira voltou-se para o homem que há muito tempo reconfortara-a em seus braços. Viu que este estava com os olhos inchado, havia de ter chorados nos dias que passou no calabouço sem que ela pudesse ajudá-lo.

— Estou. Se não tivesse chegado... . Permitiu um choro de criança, um leve sorriso de contentamento.

— Não permitiríamos, que nada acontecesse com você, Elira. Elril falou, tomando para se a atenção da princesa.

Figvel e o guarda que estavam ali olharam para Elril, desejando que ele nada dissesse. A princesa Elira caminhou em direção a Elril, e este tremeu próximo a mãe, sem que essa soubesse.

— Diga, Elril de Selimom, que este homem é inocente e será recompensado. Elira apontou para o maltratado Figvel apoiado no guarda. O guarda deixou que Figvel ficasse em pé por se mesmo.

Elril ponderou sob o que ia dizer. Esperara tanto por um momento de conhecer seus pais, e agora que chegara deveria abandonar. Mas, agradecendo ao Deus Selimom, disse:

— Minha princesa, este homem é inocente de todo mal que julgaram ter. Só encontro bondade em seus olhos e verdade em suas palavras. Elril olhou profundamente Elira, seu coração querendo revelar seu segredo.

— Elira, doce Elira. Devo partir hoje mesmo. Disse Figvel em suas ultimas palavras.

A cena que se seguia era escondido do sol por uma grande nuvem. O barulho da água na fonte poderia ser ouvida a quilômetros de distancia. Nem o perfume das flores trouxe os sentidos de Elril para perto de se.

Nesse dia em que fora escolhido para julgar um mago, descobrira que o homem era seu pai e a princesa Elira, que tanto o encantara, sua mãe. Mas nada podia dizer.

O sangue percorria-lhe as veias com sabor de estase, inflamando a carne de desejo aventureiro. Seu coração foi acorrentada pelo pensamento, única barreira que separava "um adeus há princesa Elira" de "um abraço a mãe adorada". O pensamento tornou-se seu flagelo, a arma usada para aprisionar o coração.

Quando, já tarde, a guarda do castelo chegou, encontrou a princesa Elira sentada no corredor. Sua roupa manchada de sangue. Dois corpos estavam próximos, e a forma brutal como morreram explicita para os apreciadores.

O guarda, que seguiu Figvel e Elril ate aqui, levantava o corpo do assassino Elmer, colocando-o próximo ao de Servilis.

O sacerdote, pela idade e potencia do veneno, não resistira a infecção. Sofreu mais do que queria durante o pouco de vida que lhe restava, levando consigo o segredo de Elira.

Elira libertou Figvel antes que a guarda chegasse, e abençoou Elril, seu filho sem que soubesse, pela honra em ter cumprido o que mandaram. O guarda do calabouço prometera nada dizer e permanecera ao lado de Elira para que desse jura verdadeira ao que aconteceu no pequeno jardim do Castelo das Brumas.

Na manhã do outro dia, dois homens preparavam-se para partir. Mochilas de viagem encontravam-se arrumadas em cima de cavalos, um para cada, frente a um Templo fechado na cidade abaixo do castelo.

O velho Figvel segurava os arreios de seu cavalo na mão esquerda. Estava vestido de preto, roupa que passaria a ser tradicional a partir desse dia. Um marco de luto pela morte de seu filho. Sua face demonstrava felicidade, embora sofresse com a perda de duas pessoas que amava. Mas o pensamento de reconstruir sua vida ao lado do filho que encontrara, fazia olhar para o futuro como um jovem abraçando sua primeira namorada.

Estava parado em frente a um Templo de Selimom na cidade. O Templo, visto de fora, era grandioso. Vinte metros de pedra elevavam-se do chão, formando as paredes do Templo. No centro, uma gradeada porta de ferro reforçado servia de entrada. De cada lado da porta, duas enormes estatuas de mármore escoltavam os visitantes. Todas duas eram de Selimom.

Figvel esperava, pacientemente, à volta de seu filho, Elril. Ele agora era o pai mago de um filho sacerdote.

Sus lhos esquadrinharam uma única pessoa sair do templo. Era, finalmente, Elril.

Elril vestia calça branca e um colete azul de lã. As mangas sobravam, mas era digno de se vestir. Segurava nas mãos uma mochila de couro, contendo seus pertences mais pessoais, dentre eles, seu anel de jade com um cão entalhado. Olhou fixamente para o local que foi sua moradia durante 20 verões. Lembrou-se dos amigos que fizera, e dera um sorriso quando se recordou da aula de Historia da Guerra, seu velho

professor e todos os amigos clérigos longe daqui. Pois Elril era, nesse momento, o único clérigo de Selimom que não estava no Castelo das Brumas, onde um funeral era realizado.

Deu seu adeus para as pedras e enxugou as lágrimas, agradecendo as estatuas de Selimom pela generosidade de seu Deus em ter ajudado. Caminhou rumo os cavalos, onde seu pai o aguardava.

— Estou pronto, pai. Um sorriso encerrado na ultima palavra.

— Então vamos, meu filho. O destino agora é nosso. Figvel respondeu ao filho que amaria pelo resto da vida.

Partiram pela rua larga, esmaltada de paralelepípedos brancos, aberta em ambas direções. Não ouve lágrimas nem adeus para conhecidos, não ouve perguntas ou quem visse pai e filho saindo da cidade. Todos estavam no funeral do abençoado Rei Jorge I, do nobre Lorde Avriom de Calinior, de Servilis, Mestre do Templo e de Elmer, O assassino, este ultimo enterrado longe do solo real e somente com quatro “amigos” seu.

No Castelo das Brumas havia uma área reservada que nem um rei gostaria de ir. Era mantido discreto, sempre limpo e florido. Ficava escondido logo atrás do jardim-labirinto e entornado por laranjeiras e macieiras. Todo o chão era de uma grama bem verde, bem tratada e circulada por estradinhas de flores. Grandes gira-sois inundavam o mar verde com rajadas de amarelo, sempre girando e girando conforme o sol andasse.

Nessa manhã, havia gente de toda parte. Os grandes portões principais do castelo fora aberto e todo povo veio despedir-se de seu rei. Nobres cercados por guardas prestavam condolências, mulheres derramavam suas lágrimas, guardas mantinham-se firmes.

O local era o cemitério, a terra que guardava os corpos de seus governantes. Árvores floridas, pois era primavera, tiveram seus caules pintados de branco, em honra ao rei Jorge I, que descia vagamente para a cova de seu fim. Pequenas ondulações no terreno mostravam quantos mais já compartilharam esse momento. Seriam amigos na espera do firmamento do novo mundo.

A princesa Elira estava próximo ao seu marido, o príncipe Jorge II, que logo torna-se-i-a rei de Dantsem. Estavam de pretos, um luto formal para os memoráveis entes queridos.

Um sacerdote, velho e gordo, com franjas cinzas caindo aos olhos, cruzava o sofrimento de Jorge II com frase simbolista em tais momentos. Lembrava da generosidade e boas intenções do rei Jorge I e de Lorde Avriom. Encantava, de tal forma, o ar na manhã dedicada ao enterro da família Jorge.

Como que para abençoar as palavras do sacerdote, uma chuva fina, tão fina que nem garoa seria, caiu sob o solo do cemitério. As pessoas, que só estavam por ser o rei, espalhava-se rumo a saída, deixando menos gente compartilhando o sofrimento do futuro rei e da futura rainha.

O sacerdote já havia parado com sua ladainha, os guardas retiraram-se quando Elira mandou. As gotas d’água continuavam a rolar céu abaixo.

Parado, frente ao tumulto onde seu pai estava enterrado e seu filho logo ao lado, o príncipe Jorge derramou as últimas lágrimas que seu corpo guardara. Só restavam ele, Elira e a dor da perda.

Se por vontade de Selimom, o Deus que mais atuou nesses dias, ou pedido de Elira, Jorge II não soube. Mas, naquele momento, uma música vibrou no jardim-labirinto.

Era doce, suave, apenas uma corda sendo tinida por uma vareta. A melodia reconfortava coração, tocava no âmago da alma. O choro vinha, vinha, como se por encanto do instrumento místico. Os ouvidos permitiam que as letras, os toques, os do, re, me, fá, só, lá e se, encontrassem emoções novas e que deixassem a dor para depois.

Ao toque sublime da melodia, a princesa Elira deixou seu marido dar as últimas palavras ao pai, filho e amigo.

Jorge II jamais soube a verdade da morte do pai

A música continuava, a chuva caía e, no soprar do vento vindo da costa, folhas laranjas dançavam sob o céu azul do reino de Dantsem.

O príncipe Jorge II derrubou a última flor a ser jogada no túmulo: um botão-de-fada.

Epílogo

Passadas duas estações, terminei meu romance. Meus dedos já encontram dificuldades em comandar a pena. Minha vista tornou-se turva e meus lábios estão rachados. Mas, de tudo o que fiz e passei, não me arrependo.

O Barão Felas Irlim já não mais vem me ver. Os boatos que sei demonstram a necessidade de recrutar nossos jovens para o treinamento na guerra. As paredes, repletas de estantes de livros e pergaminhos, não mais me seguram, pois meu trabalho está feito, resta apenas repassar ao meu rei.

Quando assim entregar meu trabalho, terei que responder as já previsíveis dúvidas do rei Azuma I.

Deverei explicar que esse acontecimento se passou anos mais tarde, muito depois da vila de Leônio ser fundada. Se meu rei tiver tempo para uma aula de história, apenas lembrarei que nosso reino manteve esse terrível acontecimento.

Quando, em 425 D.C., Léon já era um grande cidade, Leônio faleceu, vítima de febre, não deixando herdeiros. O que houve foi uma grande disputa entre as tribos próximas ao rio Aura, dando início a uma nova guerra entre o povo.

Anos depois, por volta de 822 D. C., esse acontecimento com o nome Jorge surgiu. Pela segunda vez ele se repetiu. Ainda pode-se ver, nas tavernas, as lendas que surgiram dessa história. Se meu bom rei Azuma I desejar, poderei citar, por curiosidade, o nome de uma taverna em nossa capital, que recebeu o nome do anel que o príncipe Elril recebeu na noite de seu nascimento: a Taverna Cão de Jade.

Mas terei que enfatizar mais. E como será difícil. Terei que explicar ao rei Azuma I que o passado quer repetisse e que escolhera esse momento para acontecer. Como nas duas outras vezes, o reino não tem herdeiro direto, justamente quando uma guerra se aproxima, ou já tenha passado. Devemos olhar o passado para resolver os problemas do presente.

Termino, com as bênçãos de Selimom, tendo esperanças que meu rei tenha um herdeiro.

Iaquim Cibac, verão de 1500 D.C.